



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Marília

José Antônio de Oliveira Neto

Combate ao Racismo e Valorização da Identidade Afrobrasileira:

Dois atos – cultural e político – do protagonismo intelectual de Abdias Nascimento

Marília
2025

José Antônio de Oliveira Neto

Combate ao Racismo e Valorização da Identidade Afrobrasileira:

Dois atos – cultural e político – do protagonismo intelectual de Abdias Nascimento

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia em Rede Nacional – Mestrado Profissional em Sociologia - ProfSocio como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Sociologia pela Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Marília.

Área de Concentração: Ensino de Sociologia

Linha de Pesquisa: Educação, escola e sociedade

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Maria Valéria Barbosa

Marília
2025

O48c Oliveira Neto, José Antônio de
Combate ao Racismo e Valorização da Identidade
Afrobrasileira : Dois atos – cultural e político – do protagonismo
intelectual de Abdias Nascimento / José Antônio de Oliveira
Neto. -- Marília, 2025
100 p. : fotos

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientadora: Maria Valéria Barbosa

1. Teatro experimental do negro. 2. Antirracismo. 3. Abdias
Nascimento. 4. Identidade afrobrasileira. I. Título.

José Antônio de Oliveira Neto

Combate ao Racismo e Valorização da Identidade Afrobrasileira:

Dois atos – cultural e político – do protagonismo intelectual de Abdias Nascimento

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia em Rede Nacional - ProfSocio. da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Área de concentração: Ensino de Sociologia

Linha de pesquisa: Educação, escola e sociedade

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a. Maria Valéria Barbosa
Orientadora
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília

Prof. Dr. Cauê Gomes Flor
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília

Prof.^a Dr.^a. Lúcia Helena Oliveira Silva
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis

Marília, 28 de maio de 2025.

AGRADECIMENTOS

As mulheres de minha vida, Joana, a mãe biológica; Maria Aparecida Sola, mãe de afeto; Cleide, irmã de sangue e afeto; Ana Luiza, minha esposa, a quem respeito e amo.

Ao meu filho, Benjamin, luz da minha vida.

À minha orientadora Maria Valéria Barbosa, com muita gratidão, respeito e afeto, por toda orientação e parceria ao longo do processo de elaboração desta pesquisa.

Aos professores Cauê e Maria Lúcia pela leitura e análise atenta, e pelas orientações propostas.

Ao Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede pelo espaço de estudo e aprimoramento profissional.

Por contraste, a criança disse: *“Vovó, sou um menino marrom”*

Benjamin Guimarães Oliveira, meu filho, aos 4 anos, em 2022.

RESUMO

A presente pesquisa objetiva contribuir para as novas reflexões em torno do pensamento político e cultural de Abdias Nascimento (1914-2011), dando visibilidade, ao público jovem, de uma referência intelectual e política de grande valor na luta antirracista e na valorização da identidade afrobrasileira. A investigação, de abordagem qualitativa na modalidade pesquisa bibliográfica, encontra suas motivações na pouca visibilidade de autores e pensadores negros nos livros didáticos da rede de ensino pública do Estado de São Paulo. A atuação cultural e política de Abdias Nascimento ganha relevância e volúpia com a criação do Teatro Experimental do Negro, em pleno regime autoritário, desenvolvendo um instrumento cultural cujo objetivo seria de fissurar a bolha que a ideologia do embranquecimento havia criado. Desta forma, a pesquisa apresenta a trajetória de vida e obra de Abdias Nascimento, permeada pelo contexto político, cultural e social do país; a criação do TEN como ferramenta psicossocial e culminando com a elaboração e apresentação de uma sequência didática acerca do tema à jovens estudantes do Ensino Médio de uma escola pública do interior paulista.

Palavras-chave: Teatro experimental do negro. Antirracismo. Identidade Afro-brasileira. Abdias Nascimento.

ABSTRACT

The present research aims to contribute to the new reflections on the political and cultural thought of Abdias Nascimento (1914-2011), giving visibility, to the young public, of an intellectual and political reference of great value in the anti-racist struggle and in the valorization of Afro-Brazilian identity. The investigation, with a qualitative approach in the bibliographic research modality, finds its motivations in the low visibility of black authors and thinkers in the textbooks of the public school system of the State of São Paulo. The cultural and political performance of Abdias Nascimento gains relevance and voluptuousness with the creation of the Teatro Experimental do Negro, in the midst of the authoritarian regime, developing a cultural instrument whose objective would be to fissure the bubble that the ideology of whitening had created. In this way, the research presents the trajectory of Abdias Nascimento's life and work, permeated by the political, cultural and social context of the country; the creation of the TEN as a psychosocial tool and culminating in the elaboration and presentation of a didactic sequence on the subject to young high school students from a public school in the interior of São Paulo.

Keywords: Experimental theater of the black. Opposition to racism. Afro-Brazilian Identity. Abdias Nascimento.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras 1, 2 e 3	Imagens do trabalho de pesquisa dos estudantes do Grupo 1	86
Figuras 4, 5 e 6	Imagens do trabalho de pesquisa dos estudantes do Grupo 2	87
Figuras 7, 8 e 9	Imagens do trabalho de pesquisa dos estudantes do Grupo 3	88
Figura 10	Imagens do trabalho de pesquisa de dupla de estudantes	89
Figura 11	Imagem do trabalho de pesquisa dos estudantes do Grupo 4	89

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIB	Ação Integralista Brasileira
ALN	Aliança de Libertação Nacional
AN	Abdias Nascimento
Cel.	Coronel
EUA	Estados Unidos da América
FNB	Frente Negra Brasileira
SD	Sequência Didática
SEDUC/SP	Secretaria de Educação do Estado de São Paulo
TEN	Teatro Experimental do Negro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 DA CORAGEM JUVENIL: SOBREVIVÊNCIA, FORMAÇÃO POLÍTICA E LIBERDADE CRIATIVA	20
1.1 Da memória e da história de uma família remanescente da escravidão	20
1.2 Trabalho assalariado e revolta juvenil	27
1.3 Educação escolar e experiências vividas pelo jovem Abdias Nascimento	29
1.4 Vida militar: primeiras lições para uma vida militante	32
1.5 Militância e consciência negra	35
1.6 Da cor da pele à consciência negra	45
2 DO ATO CULTURAL E POLÍTICO: TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO	49
2.1 As origens do Teatro Experimental do Negro	50
2.2 Teatro experimental do Negro: desafios e inovações estéticas	51
2.3 Dos primeiros movimentos à consolidação do TEN	54
2.4 Do ato político: a luta política e suas consequências	57
2.4.1 Lutas políticas e a organização do provo negro	58
3 DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA E SEU DESENVOLVIMENTO	67
3.1 Sequência Didática: Abdias Nascimento. Uma vida em luta contra o racismo e pela valorização da identidade afro-brasileira	67
3.2 Ensaio sobre o desenvolvimento da sequência didática: reflexões de um professor	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	96

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa objetiva contribuir com novas reflexões em torno do pensamento político e cultural de Abdias Nascimento (1914-2011), dando visibilidade, ao público jovem, de uma referência intelectual e política de grande valor na luta antirracista. Ele foi um intelectual engajado na luta contra o racismo, a discriminação e a segregação social do povo negro no Brasil contemporâneo.

O estudo sobre o desenvolvimento intelectual, cultural e político de um homem de ação, como Abdias Nascimento, foi instigado pela pequena – para não dizer quase ausência – de pensadores, intelectuais e políticos negros nos livros e materiais didáticos da rede de ensino público do Estado de São Paulo - atitude que, percebe-se, vem sendo transformada após a publicação da Lei 10.639 de 06 de janeiro de 2003.

Se por um lado observa-se que as temáticas antirracistas ganham espaço nas páginas dos materiais ofertados aos jovens e aos docentes, por outro, ainda se percebe que a presença das grandes personalidades negras, nos principais materiais didáticos disponibilizados pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEDUC/SP), é ofuscada em relação aos temas e aos problemas sociais com os quais está relacionada. Isso acontece em função da quantidade de pesquisadores brancos, com suas publicações e prêmios conquistados ao longo de suas trajetórias profissionais, que foram lançadas ao lado delas, como se houvesse uma concorrência entre elas.

Muitas personalidades negras inclinaram-se a questionar e a discutir a realidade na qual o povo negro foi colocado pós-abolição e República, produzindo um extenso material sobre a não aceitação da segregação social, a discriminação, a marginalização e do racismo com os quais o povo negro foram expostos e tiveram que lidar ao longo da história republicana – tais formas de tratamento continuam a promover incômodos para o pensamento social brasileiro contemporâneo.

Neste contexto sociológico e cultural, vale a pena destacar e investigar as contribuições do intelectual e professor Abdias Nascimento: jornalista, contabilista, dramaturgo, diretor teatral, ator, poeta, ensaísta, artista plástico e político brasileiro, de reconhecimento internacional, em função de suas falas e ações contra o processo de estruturação do racismo no Brasil; além de afrontar o racismo em quaisquer partes do mundo nas quais ele ousasse a se manifestar.

Sua luta, seus escritos e seus atos políticos, enquanto parlamentar, se transformaram em referências inquestionáveis sobre a análise da gênese social e cultural do racismo no Brasil contemporâneo. – palavras e atitudes de um protagonista negro que ressoam na minha prática docente e que agora, à luz da investigação científica, ganha relevância e maior compreensão de todo seu legado.

Abdias Nascimento chegou aos meus olhos e ouvidos entre os anos de 1979 ou 1980, em uma entrevista que ele, ainda no exílio nos Estados Unidos da América (EUA), concedeu à TV Senado e que foi transmitida pela TV Cultura na época. Também me recordo, com clareza, de sua atuação no Congresso Brasileiro, tanto como Deputado Federal pelo Estado do Rio de Janeiro, na legislatura 1983 a 1987; como na de Senador, de 1997 a 1999, também pelo Estado do Rio de Janeiro, bem como sua participação no governo do Estado do Rio de Janeiro como secretário de Estado na gestão do então Governador Leonel Brizola, de 1991 a 1994.

De início, o que mais chamou atenção naquela entrevista foi a presença de um negro brasileiro atuando como professor em uma Universidade norte americana. Há de se considerar que isso, por si só, já era algo muito diferente para a realidade da época, haja vista que era raríssimo encontrar um professor negro no ensino fundamental e médio na rede pública, quiçá nas Universidades – eu mesmo nunca tive.

Na minha cabeça juvenil, os EUA eram o centro de referência cultural, intelectual e político para a América Latina e, por que não, para o mundo ocidental; logo, eles, estavam a me apresentar um homem negro, brasileiro, como professor universitário da *Wesleyans University*, foi quando pensei comigo “o cara” tinha que ser muito bom ou de altíssima excelência e, na correria própria do período, sentei-me na sala para assistir a entrevista.

Nela, Abdias Nascimento falou sobre os motivos profissionais que o levaram para os EUA, sobre suas atividades, como professor, como monitor de estudantes norte americanos que falavam português, e que gostavam da literatura e da poesia brasileira. Além disso, Abdias Nascimento expôs com firmeza e muita convicção as questões pertinentes ao povo negro do Brasil, observando a necessidade de construir instituições de pesquisas e estudos com as quais levariam o povo negro a assumir o protagonismo de inclusão sociocultural, na história e na sociedade brasileira e, para isso as iniciativas norte americanas estavam sendo muito boas. Essa é uma das boas

memórias que tenho do meu início de “adolescência marginal”, porque a minha infância estava superada.

Ao longo dos anos, em minhas atividades como professor da Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo, tenho acompanhado e analisado a presença da juventude negra nas escolas pelas quais passei e atualmente atuo. Tenho sentido, nela, um certo desencantamento com o modelo de ensino e com o material didático que eles recebem para estudar e desenvolver enquanto cidadãos.

Em relação ao modelo, observo que foi instituído nas escolas um padrão classe média de gente branca, com o qual a classe de professores foi levada a reproduzir a ideia academicista, ou seja, todos os alunos têm de prestar vestibular e ingressar na universidade, de preferência a pública. A ideia que prevalece é que “todos precisam querer isso, porque as pessoas bem-sucedidas na vida passaram pela universidade, por isso elas possuem bons salários, boas roupas, boas casas, boas famílias, boa alimentação, bons carros” entre outros, como se a vida de classe média da gente branca precisasse ser desejada por todos os alunos.

Já no que tange ao material didático, aí a “coisa é mais pesada”, não nego que isso está sendo transformado aos poucos, porém a imagem do povo negro que constitui o material didático é muito impactante para a criança e o adolescente ver; são imagens de pessoas degradadas, em situações de extrema subserviência, de humilhação, torturas em meios público, ausência de vida familiar, ou seja, as imagens que os materiais didáticos trazem são horríveis para um adulto ver, quiçá para uma criança ou adolescente.

Temos aqui a primeira contradição que movem o meu pensar profissional: as imagens e o pensamento que habitam a maior parte dos materiais didáticos, trazem, de um lado a degradação e a subserviência do povo negro e, de outro, terminam por reproduzir o ideal de classe média branca. Frente a esse contexto educacional e de trabalho do qual faço parte, é que encontro, nas contribuições de Abdias Nascimento – e de outros pensadores negros – elementos que orientam minhas ações e práticas educacionais, no sentido de valorizar a identidade do povo negro e suas tradições culturais de matriz africana, cujo intuito principal é combater o racismo dentro e fora das escolas públicas.

A partir da leitura atenta de seus livros podemos sentir a sensibilidade de Abdias Nascimento ao descrever pessoas e situações. Por meio dessa leitura, percebo o quanto é importante valorizar o protagonismo do povo negro e como ele

pode nos auxiliar no resgate de uma identidade positiva da cultura, da história e da presença africana no Brasil.

Abdias Nascimento propôs um novo olhar sobre a realidade do povo negro e por meio desse olhar emergiu a ideia de recontar a história oficial do Brasil, a partir dos olhares do povo negro. Assim não podemos negar os acontecimentos do passado, mas podemos e devemos questionar em que momento eles podem ser expostos, pelas instituições públicas e privadas de ensino, para crianças e jovens em pleno início de seu desenvolvimento escolar e de seu processo de sociabilização.

Se com a atividade escolar buscamos preparar cidadãos mais seguros e responsáveis com o futuro próprio e social, então cabe-nos pensar a reformulação dos materiais didáticos necessários para esse desafio. Neste contexto, o protagonismo negro precisa avançar e discutir com mais prioridade a produção dos materiais didáticos e sobre eles colocar seus olhos, pensamentos e mãos. Penso que a concepção e a forma de produção dos materiais didáticos carregam consigo, subliminar, a ideologia do embranquecimento social, formulada pelo Estado Nacional Brasileiro do século XIX.

Nesse cenário, a atuação cultural e política de Abdias Nascimento ganha relevância e volúpia, haja vista que, ao criar o Teatro Experimental do Negro (TEN), em pleno regime autoritário, terminou por desenvolver um instrumento cultural cujo objetivo seria de fissurar a bolha que a ideologia do embranquecimento havia criado. Essa iniciativa impactou o mundo das artes no Brasil. A partir desse ato, a dramaturgia brasileira nunca mais foi a mesma, porque a partir dele muitos dramaturgos passaram a compor e a produzir peças teatrais sobre o drama social no qual negro no Brasil estava inserido: o ator negro passou a expor e a vivenciar seu drama nos palcos brasileiro; a estética do povo negro do Brasil e suas herança africanas ganharam os palcos da capital da República, irradiando pelo país e pelo mundo.

Assim como Abdias Nascimento soube colocar seus olhos e mãos sobre um segmento importante da cultura nacional, o teatro, e a partir dele propôs inovações e mudanças na dramaturgia brasileira, nós precisamos voltar nossos olhos, pensamentos e mãos para os materiais didáticos e buscar soluções para o problema que eles continuam a reproduzir.

A partir dessas observações iniciais, esse estudo buscou refletir e discutir a trajetória do protagonismo intelectual e político de Abdias Nascimento e como ele pode nos referendar nas reflexões e discussões críticas em torno da produção dos

materiais didáticos que são disponibilizados pela SEDUC/SP; além de provocar uma reflexão sobre o modelo educacional por ela desenvolvido e que a maioria dos profissionais da Educação buscam reproduzir.

Combater o racismo e valorizar a identidade cultural do povo negro no Brasil são atos que determinam muita energia teórica e ação prática. Teórica porque precisamos perceber como os entes do racismo e da depreciação do povo negro são colocados e manifestos nos materiais didáticos; além de questionar suas intenções no auxílio do desenvolvimento da juventude, em especial a negra, nas instituições de ensino público e privada. A ação prática deve procurar intervir, de forma propositiva, na produção desses materiais, com o intuito de referendar uma imagem positiva do povo negro.

Sem os atos corajosos de Abdias Nascimento e a criação do TEN, o combate ao racismo e a valorização da identidade cultural do povo negro – realidades que muitos estudiosos têm discutido por vias diferentes – não teriam ocupado espaços na cena cultural da sociedade brasileira. Deste modo, não nos parece pouco afirmar que as questões abordadas por Abdias influenciaram inúmeros estudos e debates, reverberando nas lutas anticapitalistas, nas de classes sociais, e que perpassam por vários segmentos da vida social e cultural. Essa compreensão ampla está relacionada ao processo evolutivo da consciência do povo negro sobre a sua real situação na cena cultural brasileira.

Aproximar as lutas antirracistas e a valorização da identidade cultural do povo negro às questões econômicas e de classe sociais, pode ser muito complexo e trazer sérios danos ao processo de alienação no qual o jovem negro se desenvolve. Por isso, não pretendemos esgotar nossas reflexões sobre essas temáticas aqui, pois o propósito desse trabalho será desvelar a temática cultural sobre a qual Abdias Nascimento a posicionou.

Desta feita, para dar cumprimento a esse intento inicial, consideramos a **pesquisa qualitativa** como abordagem investigativa, compreendendo-a como uma atividade cotidiana, um “[...] questionamento sistemático crítico e criativo, mais a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático” (Demo, 1996, p. 34) e, como estratégia procedimental, a pesquisa bibliográfica.

A escolha pela abordagem qualitativa de pesquisa se pauta pela busca da compreensão do fenômeno investigado, com aspectos da realidade que não podem

ser apenas quantificados, centrando-se na compreensão e explicação das questões elaboradas. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis ou métricas.

Já a pesquisa bibliográfica, enquanto estratégia investigativa, procura explicar e discutir um assunto com base nas referências publicadas em livros, artigos, periódicos, revistas etc. Para Fonseca (*apud* Gerhardt e Silveira, 2009, p. 37):

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (Fonseca, 2002, p. 32).

Dar corpo ao desejado exige o estabelecimento claro e preciso dos “pontos de parada” da trajetória investigativa, isto é, a delimitação das ações que possibilitam avançar, paulatinamente, na compreensão do objeto investigado. Assim, a orientar esse percurso, estabelecemos como objetivos:

- a) Selecionar, na obra de Abdias Nascimento, os elementos essenciais de sua educação escolar, social e cultural que influenciaram o seu desenvolvimento enquanto combatente antirracista;
- b) Estudar e discutir os motivos e objetivos que motivaram Abdias Nascimento a criar e organizar o Teatro Experimental do Negro (TEN);
- c) Analisar e evidenciar a relevância do TEN para o desenvolvimento cultural e social do negro no Brasil;
- d) Discutir o TEN como um instrumento de conscientização e de intervenção social na cultura brasileira.
- e) Produzir e aplicar uma sequência didática cujo objetivo será apresentar Abdias Nascimento para os discentes da 1ª série do ensino médio.

Para desenvolver nosso trabalho, primeiramente elegemos a obra autobiográfica “*Abdias Nascimento: o griot e as muralhas*” (2006), com a qual buscamos compreender os momentos mais relevantes de sua trajetória para a nossa proposta de análise e discussão. Na sequência, direcionamos nossas investigações

para outras obras escritas por Abdias Nascimento e de outros autores, como Guerreiro Ramos (1966), Sílvio Almeida (2021), Clóvis Moura (2020) dentre outros, que nos auxiliam a um melhor entendimento do tema em tela.

Na busca por uma compreensão mais detalhada e rigorosa sobre o protagonismo intelectual de Abdias Nascimento e a valorização da identidade afrobrasileira, o estudo demandou escolhas de diferentes ordens. Escolhas quanto aos autores a serem priorizados, quanto aos recortes selecionados, quanto à sequência na proposição das ideias, sempre na intenção de favorecer a compreensão dos caminhos percorridos.

No **primeiro capítulo**, o foco se deteve em apresentar Abdias Nascimento; o processo educacional e a evolução intelectual do jovem Nascimento, colhidas no contexto da industrialização e urbanização da sociedade brasileira, observando também a transição política e cultural do período, e descrevendo o processo de segregação, marginalização e discriminação pelo qual o povo negro estava submetido.

Já a criação do TEN, é tema do **segundo capítulo**. Essa ação experimental e interventiva, com a qual Abdias Nascimento e seus amigos se propuseram a atuar, lidando com a estrutura psico-sociológica “pré-letrada e pré-lógica” do povo negro (Nascimento, 1966) dos anos 30 e 40 do século passado; bem como os elementos culturais que dificultavam a ascendência social, cultural e econômica do povo negro e que, por isso era necessário romper com o processo de embranquecimento da cultura, além de resgatar as suas tradições de matriz africana.

Neste contexto, o TEN, desvelava a existência de uma poética negra imanente das experiências vividas pelo povo negro em terras brasileiras ao longo dos séculos e, assim, podemos pensar as contribuições que, no campo social e político, o TEN promoveu ao reorganizar o povo negro, dentro da conjuntura autoritária do Estado Novo, em torno do combate ao racismo e da valorização de sua identidade afro-brasileira.

No **terceiro capítulo** apresentamos uma sequência didática cujo objeto central foi a concepção, os objetivos socioculturais e políticos que marcaram a formulação e organização do TEN. Além de observar o quanto esse movimento cultural e político, cumpriu sua tarefa ao colocar a estética e o drama negro na cena cultural brasileira, valorizando os artistas negros nas dramaturgia brasileira.

A partir desses pontos de parada no itinerário da pesquisa, buscamos preparar uma apresentação do intelectual e político Abdias Nascimento para o público jovem da escola pública. Nela procuramos apresentar para as/os discentes, que nunca haviam ouvido falar de Abdias Nascimento, os feitos do dramaturgo/pensador em prol da luta antirracista e na defesa da identidade afro-brasileira da cultura nacional. Dentro dos feitos o teatro ganhou relevo como um instrumento de conscientização e luta por direitos civis, justiça social, igualdade racial em plena década de 40 do século passado.

Por fim, nas **considerações finais**, todo o caminho percorrido é revisitado, destacando as principais contribuições do estudo para a formação de professores e jovens na esfera da educação pública paulista.

CAPÍTULO 1

DA CORAGEM JUVENIL: SOBREVIVÊNCIA, FORMAÇÃO POLÍTICA E LIBERDADE CRIATIVA

Abdias Nascimento nasceu em 14 de março de 1914, na cidade de Franca, interior do Estado de São Paulo. Tinha por mãe Georgina Ferreira do Nascimento e por pai José Ferreira do Nascimento; personagens que foram muito marcantes em sua vida. São figuras das quais falava com muita admiração, respeito, compreensão e fonte de toda a sua coragem, criatividade e disposição para enfrentar os desafios iminentes da sociedade racista que o cercava.

O período era de muitas dificuldades para o povo negro ex-escravizado, momento no qual os “[...] africanos escravizados não tinha tido tempo de tomar pé de suas próprias vidas” (Nascimento, 2006, p. 30). Ademais, o povo negro e suas tradições culturais não haviam sido absorvidos pela sociedade brasileira e trabalho assalariado e, conseqüentemente, perambulava pelas cidades e campos do país. Neste sentido, o povo negro, na virada do século XIX ao XX, não foi incluído à sociedade de classe que estava a se despontar no Brasil, mas se transformou num apêndice dela.

Além dessas questões internas surge o problema da primeira guerra mundial, fenômeno que impactou e gerou muito desconforto no mundo. Neste período, o Brasil passou a receber a indústria alimentícia e a fortalecer essa atividade econômica ao longo do entre guerras e isso contribuiu para o alastramento da fome em terras brasileiras, transformando o povo negro em sua principal vítima. Era um momento difícil para todos os brasileiros, inclusive para aqueles do interior paulista (Nascimento, 2006). Neste cenário conturbado, de transição, restrições e necessidades Abdias Nascimento recebeu suas primeiras instruções escolares.

1.1. Da memória e da história de uma família remanescente da escravidão

Das memórias da infância, emana os profundos traços da coragem do jovem Abdias Nascimento, que teve a ousadia de se fazer intelectual, artista dramático, diretor teatral e político atuante sobre as causas do povo negro no Brasil.

Como nos conta “o velho Abdias”, sua infância foi repleta de aventuras e descobertas que valiam a pena ser destacadas em sua memória. A primeira foi a

imagem de seu pai, sapateiro de profissão. Ela foi uma dessas descobertas intrigantes. José Ferreira Nascimento era filho de “[...] Ismênia, ex-escrava, fora estuprada por um português, em Formigas (Minas Gerais). Meu pai carregou, durante seus 95 anos de vida, a dor de ser um filho ‘natural’, isto é, de não ter sido reconhecido pelo pai” (Nascimento, 2006, p. 30). Origem que perseguiu José Ferreira por toda vida, porque ele não teve alguém para chamar de pai e como isso assegurar aos filhos uma genealogia de paternidade.

A condição de filho sem pai, não fez de José um homem depreciado, mas o transformou num sujeito respeitável em função de suas qualidades pessoais. Foi uma pessoa respeitosa e amigável, porque demonstrava isso no convívio com o irmão de criação, o tio Zeca; com quem atuava como artista de rua. Nas horas vagas, participava junto com o irmão das “[...] encenações das batalhas dos mouros contra os cristãos” (*Ibid.*, p. 31), atitude que aos olhos da criança Abdias Nascimento era algo grandioso.

Além dessas encenações, o pai e o tio eram músicos, tocavam instrumentos de cordas como o violão e violino, faziam serestas, participavam de grupos de choro, além de tocar violão no cinema mudo em busca de ganhar algum dinheiro extra para aumentar a renda familiar (Nascimento, 2019). Mas a parte que deixava, José Ferreira Nascimento, “frustrado, angustiado” era o desemprego, imagem que causava muita dor nos olhos do filho ao ver o pai naquela situação, “[...] tentando obter um precário e mal pago trabalho em alguma fábrica de calçados” (Nascimento., p. 39) e não conseguir uma colocação como sapateiro.

Trabalhador e profissional especializado na produção de calçados e artigos em couro, José e sua família, sentiram na pele os efeitos nocivos da política do embranquecimento. Com ela vieram os imigrantes e a substituição da mão-de-obra negra especializada pela mão-de-obra ario-europeia não especializada, mas com os agravantes do salário, reserva de local de trabalho e moradia. Meios que acomodaram e favoreceram os novos colonos, que logo invadiram e dominaram setores expressivos do sistema produtivo brasileiro e as instituições públicas do país. Atitudes que vieram a contribuir com o aprofundamento da segregação, marginalização, depreciação da força de trabalho e a desqualificação técnica do afro-brasileiro dentro do sistema econômico nacional.

A descrição da imagem paterna, que foi captada pelos olhos e registrada na memória da criança Abdias Nascimento, pode nos desvelar a situação com a qual

todos os trabalhadores negros, especializados ou não, enfrentaram ao longo do processo de industrialização e urbanização da sociedade brasileira durante a primeira metade do século XX.

Essa situação submeteu o povo negro ao processo de segregação e marginalização econômica e social. Neste contexto, a imagem do pai emerge cheia de “[...] dor, angustiada, sofrida, maltratada pela vida” (Nascimento, *op. cit.*, p. 39), expondo o estado de abandono social pelo qual a força de trabalho do povo negro e seus descendentes vivenciavam em função da política do embranquecimento que o governo republicano deu continuidade na época. Uma imagem sofrida, mas que também revela certa beleza e elegância, porque encontrava na arte, música e teatro, meios de evadir a decepção, a frustração por não encontrar um emprego, uma colocação pouco renumerada nas fábricas de calçados da cidade.

A industrialização e a urbanização chegaram ao interior do Estado de São Paulo, mas nem por isso elas levaram para o povo negro algum viés de esperança e de ascensão social. Os negros foram aos poucos afastados, segregados, discriminados e abandonados pelo sistema fabril que estava sendo implantado no sistema produtivo brasileiro.

Este processo ocorria nas médias e grandes cidades do país e o Estado de São Paulo sentia os efeitos desse processo. A situação forçava o povo negro a migração, ou seja, eram forçados a abandonar sua terra natal e seguir para outras regiões em busca de trabalho. Assim, a família de Abdias Nascimento passou por muitas dificuldades na cidade de Franca, o que culminou com a migração de sua família do Estado de São Paulo para o Estado de Minas Gerais. Esse movimento de migração interno ao país atingiu a maioria do povo negro no período, levando-o para os grandes centros urbanos ou para rincões, distantes do povo branco.

O povo negro sob essas condições foi utilizado como mão-de-obra de manejo nas novas fronteiras agrícolas que iam surgindo no território brasileiro – fator que ainda hoje é comum na construção civil; por isso, a família de Abdias passou por “[...] Araguari, em Minas Gerais, e pela cidade de Cristais na região metropolitana de Franca” (Nascimento, 2006, p. 33)., além de retornar à cidade de Franca alguns anos mais tarde

Ao descrever a passagem pela cidade de Cristais – cidadezinha satélite de Franca –, Abdias Nascimento nos revelou uma curiosidade: seu tio materno era

proprietário de uma pequena selaria-sapataria, motivo pelo qual voltaram da cidade de Araguari, afinal seu pai, José, precisava trabalhar:

Esse retorno ocorreu mais porque meu tio Laureano tinha uma pequena... Como é que eles chamavam por lá? É... selaria! Selaria-sapataria. Fabricavam artesanalmente selas para cavalos, sapatos e outros artefatos de couro. Essa pequena oficina era lá em Cristais e meu pai foi trabalhar com meu tio. (Nascimento, 2006, p. 33)

Para a época, essa descrição nos revela uma novidade dentro do próprio sistema produtivo emergente: o homem negro, descendente de escravo, nos é apresentado como um trabalhador especializado e proprietário de pequena fábrica em segmento importante da economia nacional. Mas, nem por isso, o país possui grandes empresas e marcas de calçados criadas e desenvolvidas por empresários negros.

Isso pode nos revelar o quanto foi nocivo para o povo negro, a política do embranquecimento e sua proposta de substituição da mão-de-obra. Ela retirou, excluiu e marginalizou a força de trabalho do povo negro dentro do iminente sistema fabril/produtivo; além de negar a permanência e o aprimoramento das atividades técnicas por meio do ato criativo/produtivo negro. A indústria calçadista da região de Franca passou pelo processo de substituição da mão-de-obra, assim como toda cadeia produtiva da indústria do calçado e derivados do couro na época; e por meio desse processo o saber e o fazer negro foi destruído dentro de um segmento significativo da economia nacional.

Ao lado da imagem paterna emerge a figura materna. Georgia Ferreira Nascimento, mulher afro-brasileira, possuía seus talentos culinários e os transformava em fonte de renda. Segundo Abdias Nascimento, sua mãe era “[...] a doceira da cidade e ama-de-leite dos filhos dos plantadores de café” (Nascimento, 1978, p. 20).

Ela produzia “goiabadas, marmeladas, geleias de mocotó” (*op. cit.*, p. 20) para atender as encomendas da vizinhança e dos fregueses que havia conquistado ao longo dos anos. Trabalha à noite na produção dos doces, a enfrentar o fogão, os tachos e as caldas ferventes para, durante o dia, percorrer a cidade a entregar as encomendas e receber dívidas de seus clientes. A doceira da cidade se transformava em ama-de-leite assim que um novo filho vinha a nascer, pois era requisitada nas grandes fazendas de café, ambiente nos quais não ia sem a presença dos filhos.

A partir dessas visitas, o infante Abdias Nascimento viu como ocorria, na prática, o processo de substituição de mão-de-obra e como esse processo contribuía

para aprofundar o drama do povo negro pós abolição. Nas fazendas havia as instalações, as colônias, que recebiam os trabalhadores ario-europeus assalariados (imigrantes). Deste ponto, comenta:

[...] os empregados do eito, vamos dizer assim, ficavam muito distantes, na colônia, que era quase uma cidade dentro da fazenda. A colônia era composta sobretudo de trabalhadores brancos, principalmente italianos, que trabalhavam nos campos de arroz e de café, e com o gado. Existiam pouquíssimos negros nos campos, e naquela época eu não me dava conta de que o que estava ocorrendo era a substituição em massa da força de trabalho do negro, por causa do fim da escravidão, pela mão-de-obra renumerada do trabalhador imigrante. (Nascimento, 2006, p. 38).

Com essas instalações acentuou-se a segregação, a marginalização e a depreciação da força de trabalho do povo negro no campo e, conseqüentemente, nas cidades. Porque a renumeração, o salário, pelo trabalho desenvolvido ao longo do dia não se aplicou à força de trabalho do povo negro que permaneceu nas fazendas. A força de trabalho do povo de cor restringiu-se ao custo daquilo que era básico, alimentação e moradia; quando muito poderia chegar ao vestuário.

Se a colônia foi concebida como “quase uma cidade dentro da fazenda”, podemos admitir a possibilidade de pequenas atividades ou práticas comerciais com as quais poderia haver fluxo de mercadorias e dinheiro, comerciantes e consumidores. Elementos sociais com os quais se iniciaria a promoção da desigualdade social entre os brasileiros de ascendência africana e os novos colonos de ascendência europeia. Enquanto esses poderiam adotar práticas comerciais lucrativas e com elas ascender-se socialmente; àqueles deveriam existir por meio da tutela e do regramento compulsório, ou seja, sobreviver condicionado aos interesses dos fazendeiros ou proprietários.

Além disso, a observação do infante progride em direção das instalações nas quais os afro-brasileiros se encontravam alojados; assim as descreve:

Nas fazendas havia as casas-grandes – embora eu não soubesse dessa conotação -, e existia uma parte, um anexo da casa principal, que não era senzala, mas era destinada aos escravos que faziam os trabalhos de casa, as tarefas mais domésticas. Nesse local ficava um grande número de negros e negras. Nas fazendas que visitávamos, praticamente todos os negros que existiam, homens e mulheres, eram crias, filhos, netos e ex-escravos que trabalhavam em serviços domésticos, que assimilaram a cultura do branco e que talvez nem se interessassem pelas suas próprias origens e pela cultura africana num sentido mais pragmático. Eles não eram denominados escravos, mas a estrutura estava mantida, como se nada estivesse mudado. (Nascimento, 2006, p. 36)

Nessa descrição há “as casas grandes” e há, também, o “anexo da casa principal”. Na casa grande havia muitos serviços de limpeza, organização, cozinhar, passar, enfim, atividades que não são capazes de agregar valor ao seu produto final; mas que requerem pessoal para executar. Atividades indispensáveis para a vida, mas que não possuem relevância social e econômica. Além disso, elas não foram ofertadas aos novos colonos, porque não eram atividades lucrativas e por isso não era interessante para eles. Já no “anexo da casa principal” vamos encontrar o povo de cor, sujeito depreciado para os trabalhos do “eito” (produtivos/lucrativos), os quais passaram a ser assalariado/renumerado, por isso foi incorporado aos trabalhos domésticos.

Com essa atitude, “a fazenda” contribuiu para restringir o trabalho do povo negro às atividades não relevantes socialmente, as quais o ario-europeu não via sentido em executá-las. Tais atividades não promoviam a dinâmica social; suas ações não se vinculavam mais a produção e geração de riquezas; assim o povo negro foi condenado a ocupar e permanecer nas atividades estáticas do sistema produtivo; porque a nova relação de trabalho (patrão/empregado) não o admitiu, permanecendo nociva ao seu desenvolvimento cultural, social, econômico e pessoal.

Neste contexto de depreciação da força de trabalho do povo negro, as crianças passaram a fazer parte desse novo sistema de exploração em terras brasileiras. Abdias Nascimento nos conta que em tenra idade iniciou sua jornada de trabalhador. Na cidade de Franca se deu conta da necessidade de trabalhar e por isso “[...] passei a pensar em trabalhar e ter um ofício [...]” (Nascimento, 2006, p. 51).

Cedo, a criança Abdias, já pensava em superar o condicionamento social que fora imposto a seus ancestrais e a si mesmo; para ter um ofício seria necessário estudar, ingressar em uma escola técnica para se profissionalizar – afinal, ele sabia que precisava começar por algum lugar. Assim, ele nos revela as suas primeiras ocupações de menino negro e trabalhador: “[...] Com uns oito ou nove anos de idade, tive uma atividade bastante regular, que era de entregar leite e carne bem cedo, pela manhã, todos os dias, antes de ir para o grupo escolar [...]” (Nascimento, 2006, p. 51).

As heranças ancestrais, as dificuldades que a vida impôs e as condições socio/culturais fizeram com que “a criança” conciliasse estudo e trabalho em prol de seus objetivos.

Com o intuito de progredir em seus projetos, o menino Nascimento procurou “[...] aprender telegrafia, música com violão, pistom, piano [...]”, mas a pobreza familiar

eram o empecilho mais alarmante, por isso ele dava prioridade “[...] a luta pela sobrevivência [...]” (Nascimento, 2006, p. 51). Entretanto, entre todas as tentativas e perseverança, uma delas deu resultado e o levou a prática de uma boa atividade profissional: aos 11 anos de idade ingressou na “[...] Escola de Comercio do Ateneu Francano, para estudar contabilidade [...]”, atividade escolar que lhe rendeu a conclusão do ginásio.

Neste período sua jornada de atividades era intensa, porque “[...] pela manhã, frequentava o grupo escolar, a tarde trabalhava (bicos e biscates) e à noite cursava o Ateneu Francano [...]” (Nascimento, 2006, p. 51, 52). Neste contexto de pobreza e de muitas dificuldades, a criança Abdias Nascimento aprendeu a construir boas relações de trabalho e de conhecimento sobre a literatura sertanista brasileira por meio de Euclides da Cunha (1866-1909).

Por volta dos 12 ou 13 anos de idade, Abdias Nascimento passou a trabalhar em alguns consultórios médicos e odontológicos. Ambientes nos quais, além de fazer a faxina e a limpeza dos instrumentos cirúrgicos, frequentava a biblioteca do amigo dentista; muitas vezes de forma clandestina, porque o amigo viajava muito e pedia ao “garoto” para cuidar do consultório. Foi neste período que iniciou seus conhecimentos sobre as origens e desenvolvimento do homem e da cultura brasileira. Conhecimentos que influenciaram, posteriormente, a sua vida de dramaturgo, intelectual, político e militante antirracista.

Neste momento conheceu o trabalho de Euclides da Cunha (1866 – 1909), por meio dos livros *Os Sertões* (1902), *À margem da história* (1909 – obra póstuma) que naquele período do seu desenvolvimento educacional surgiu como um outro descobrimento do Brasil. O autor despertou em Abdias Nascimento, admiração e respeito, afinal era um trabalho de grande pompa e estava direcionado para um público rigoroso e especializado. Mesmo sendo “fã” e admirador do autor e de sua obra, até a sua morte, Abdias Nascimento, em sua vida de intelectual e crítico da cultura brasileira, não deixou de criticá-lo, coisa que na juventude não tinha desenvolvimento intelectual para fazê-lo, mas possuía muito ânimo para conhecer o autor e sua forma de expor os problemas da cultura nacional.

1.2. Trabalho assalariado e revolta juvenil

Na adolescência Abdias Nascimento, prestes a terminar seu curso de contabilidade no Liceu Francano, saiu a procura de um emprego no ofício do qual estava a guisa de concluir. Assim, iniciou sua luta por uma colocação profissional e mais uma vez contou com a colaboração de “um amigo da família”, indo parar numa fazenda da monocultura do café, por nome de Chapadão.

Na fazenda, seu antigo olhar continuou a observar o cotidiano e sua memória a registrar “a quantidade de colonos, aqueles trabalhadores imigrantes, aquela gente toda vinda do estrangeiro” (Nascimento, 2006, p. 54). Mais uma vez, nas atividades remuneradas, o trabalho assalariado não admitiu a presença do povo negro, ou seja, da mão-de-obra negra. Este fenômeno estava a acontecer nas primeiras décadas do século XX, período no qual o fim da escravidão completava 40 anos e a força de trabalho do povo negro continuava a não pertencer as atividades produtivas remuneradas.

Abdias Nascimento parece pertencer a classe dos primeiros jovens homens negros assalariados da história brasileira, porque foi contratado pela “Fazenda Chapadão”, uma das principais exportadora de café da região de Franca, cuja mão-de-obra era composta por trabalhadores imigrantes (italianos), assalariados e com residência fixa nas colônias. Seu propósito nesta fazenda não se concretizou, mas teve a experiência de conseguir o primeiro emprego no ofício de formação.

Na segunda experiência, houve a verbalização da contratação, mas não houve a realização do fato, porque os acordos firmados com a fazenda não seguiram a ordem correta e ajustada. A função combinada com o jovem era de “[...] auxiliar de guarda livros, cuja responsabilidade básica era de fazer a escrituração comercial do estabelecimento e professor dos filhos dos colonos” (Nascimento, 2006, p. 56), mas para desenvolver tamanha responsabilidade, o profissional não poderia ser tratado com descaso.

E é neste contexto de formalidade social e profissional que vamos perceber o desvelamento precoce do protagonismo intelectual e político de Abdias Nascimento, pois o jovem não aceitou a forma com a qual seria conduzido até seu ambiente de trabalho. Ele não quis ser transportado sobre “[...] a carroceria do caminhãozinho junto com rações, galinhas, produtos de limpeza e ferramentas” (*op. cit.*, p. 56) porque transportá-lo naquela condição traduzia a intenção de humilhar o jovem professor e contabilista negro, de desacreditá-lo e de desvalorizá-lo profissionalmente em meio aos demais profissionais e colonos. Abdias não aceitou o emprego.

A depreciação do valor de trabalho de um trabalhador assalariado possui várias formas de iniciação e, neste caso, estão as condições do transporte. O trabalho assalariado de forma depreciadora e humilhante ao povo de negro e seus descendentes: o jovem Abdias Nascimento não só nos desvela essa situação, mas também seu potencial de rebeldia independentemente de suas consequências. Neste contexto de rebelião ele nos diz:

Esse tipo de situação se repetiu por várias vezes na minha vida. E por várias vezes eu tive de brigar muito, argumentar, endurecer, recuar. Mas jamais deixei que esse preconceito, esse racismo, me atropelasse como se eu estivesse desatento diante das circunstâncias da vida (Nascimento, 2006, p. 56).

Depois desse ocorrido e do constrangimento com os pais, porque repreenderam a ação do jovem, surgiu uma outra oportunidade de trabalho. Mais uma vez, um amigo da família o procurou para tomar ciência do ocorrido e, após a exposição do jovem sobre o assunto, veio o apoio e a decisão do amigo, que o contratou imediatamente. Assim, como auxiliar direto de um dos principais encarregados da companhia de eletricidade da cidade de Franca. Trabalho de boa remuneração, que o levou a ganhar um salário muito superior ao dos pais, que os deixou orgulhosos do filho estudante de contabilidade no Liceu Francano.

Neste contexto das primeiras décadas do século XX, de chegada e fortalecimento do trabalho assalariado em terras brasileiras, o povo negro e seus descendentes passaram por um processo duro de depreciação e marginalização da sua força de trabalho, de sua capacidade criativa/produtiva, promovendo profundos dramas e transtornos de ordem psicossocial nos remanescentes do sistema escravagista, o que pode ter levado muitos ao alcoolismo, suicídio, marginalidade entre outras modalidades contemporâneas do “banzo”.

Abdias Nascimento veio de uma família muito religiosa. Seu pai, José Ferreira Nascimento, era um católico fervoroso, praticante e pregava a humildade; a mãe, Georgina Ferreira Nascimento, era mais aberta e frequentava, quando podia, o kardecismo e o catolicismo, também, sem praticar nenhum excesso. Neste contexto familiar, ele foi educado e instruído as boas práticas de cristão, principalmente, ser humildade. Tais ideias paternas eram questionadas pelo “menino”, porque para ele

[...] a vida estava acontecendo, cheia de desvantagens para nós (negros, acréscimo meu), e ao mesmo tempo cheia de desafios; eu estava crescendo e vendo aquilo tudo com outros olhos, as relações se explicavam, a pobreza ficava mais cruel no meu entender. (Nascimento, 2006, p. 56).

Assim, é possível notar o porquê Abdias Nascimento questionava as ideias paternas e se rebelava contra as práticas racistas, discriminatórias, segregacionista e depreciativas entorno de si e de suas iniciativas.

Como já exposto, o jovem Abdias Nascimento sempre conciliou estudos, formação técnica e trabalho, atitude que o destacou nos ambientes formativos e de trabalho, além de permitir a construção de sólidos laços de amizades com as pessoas, principalmente com a família Campos. O período no qual Abdias Nascimento recebeu a sua educação escolar foi marcado por um profundo sentimento de patriotismo e, por meio dele, o culto aos símbolos do Estado Nacional, que era ensinado nas escolas.

Não podemos nos esquecer, para não sermos anacrônicos, que nas primeiras décadas do século XX o país comemorava seu primeiro século de Independência e três décadas de vida republicana. Neste contexto torna-se compreensivo a educação escolar ser um dos instrumentos sociais necessários à construção de uma identidade de nação e pertencimento a ela. Além disso, a atividade escolar era o instrumento social que promover a coesão em torno de um sentimento de nação, num contexto de forte fluxo imigratório, ou seja, de neocolonização ario-europeia.

1.3. Educação escolar e experiências vividas pelo jovem Abdias Nascimento

Abdias Nascimento iniciou a sua educação escolar no Grupo Escolar Coronel Francisco Martins, no qual o patriotismo era um fator importante, como na maioria das escolas públicas brasileiras no período.

No grupo escolar, antes de começar as atividades educacionais, os alunos eram enfileirados para cantar o Hino Nacional e marchar em sinal de respeito aos símbolos nacionais (Hino e Bandeira), com o intuito de fortalecer a identidade e a ideia de pertencer a nação brasileira. A educação física era um dos pilares do sistema educacional na época, porque todos os dias, antes de iniciar outras atividades educacionais, ocorria as atividades de educação física, cujo objetivo era disciplinar o corpo e a mente. Foi por meio dessas atividades que o menino adquiriu gosto pelo

atletismo, como ele próprio afirma: “[...] Eu gostava mesmo era de correr, e competir nas provas de atletismo [...]” (Nascimento; 2006, p. 49).

Na escola, era motivado pelo professor a não adquirir uma postura de sujeito humilde e conformado com sua condição. Segundo Abdias Nascimento, o professor Otávio Bueno estava sempre a lembrá-los em sala de aula a levantar a cabeça como gesto de recusa a subserviência. Com essas palavras, o professor procurava fazer com que os alunos não aceitassem a postura de “[...] sujeitos humilhados e conformados em ser humilde [...]” (Nascimento; 2006, p. 49).

Ensinaamentos que iam ao encontro da estrutura psíquica do menino Abdias Nascimento, porque ele nunca aceitou a condição de protegidos das sinhazinhas quando ia com sua mãe as fazendas para amamentar os filhos ou filhas deles. Assim Abdias Nascimento fala sobre esses momentos:

Meus irmãos ficavam felizes quando ganhavam presentes; mas eu os recebia com desconfiança, pressentido um jogo maldoso nessas relações. Assim, eu fui uma exceção entre aqueles sete irmãos, aparentemente bem ajustados na sociedade branca brasileira. A outra exceção foi minha irmã, que se suicidou, possivelmente porque também não conseguiu se ajustar (Nascimento; 2006, p. 38).

Ao mesmo tempo em que questionava e não aceitava as orientações paternas, o jovem Abdias Nascimento sentia que a escola era uma instituição firme, bem-organizada, que tratava seus alunos e as pessoas com dignidade; nos momentos de repreender e orientar os alunos, os mestres usavam a linguagem com firmeza, mas evitavam as ofensas, o desrespeito, a humilhação, como forma de preservar a ideia de integração das crianças a sociedade francana, paulista e brasileira daquele momento histórico.

Por causa de seu conhecimento, dedicação e de participação nos eventos cívicos no grupo escolar e da cidade, além de sua destacada atuação no atletismo, Abdias Nascimento, participou de uma viagem para a cidade de São Paulo, cujo objetivo era de mobilização cívico/eleitoral. O evento ocorreu por volta de 1928/29 e estava relacionado a disputa eleitoral entre Júlio Prestes e Getúlio Vargas – evento que o “velho” Abdias Nascimento, classificou como arrebanha-povo.

Mas as motivações do jovem não se vinculavam ao evento cívico/eleitoral, até porque ele não tinha educação política suficiente para entender esse caráter da viagem, mas nela podemos destacar ao desejo de conhecer o novo, criar

possibilidades para realizar “[...] o sonho de ser um grande corredor, um atleta [...]” (Nascimento, 2006, p. 58 – 59). Com esses pensamentos, o jovem participa da viagem para São Paulo. A experiência o fez grande e determinado em tenra idade.

Em São Paulo, suas expectativas voltaram para o desfile da famosa Guarda Civil de São Paulo, porque havia muitos comentários sobre ela na ocasião, além do que ela teria sido fundada por um cidadão de Franca, vizinho de Abdias Nascimento, o Dr. Antônio Pereira Lima que mantinha o cargo de diretor da Guarda Civil de São Paulo (Nascimento, 2006). O desfile o surpreendeu muito e por duas vezes: a primeira vez foi ao ver:

[...] os primeiros soldados da Guarda, acompanhados pela banda toda garbosa e bem ensaiada, com seus sopros e instrumentos de percussão. Os guardas enfileirados de forma simétrica, iam marchando com passos de uma firmeza marcial, e aquilo tudo me provocou uma sensação emocionante, de me deixar arrepiado (Nascimento, 2006, p. 59).

O menino, educado dentro de um sistema educacional de caráter nacionalista e que gostava de atletismo, se viu emocionalmente envolvido com aquela exibição. Analisou a evolução da banda que estava bem ensaiada e harmonicamente equilibrada com seus sopros e os instrumentos de percussão. Ficou encantado com a organização simétrica dos guardas em suas fileiras que mantinham uma marcha firme em harmonia com o ritmo imposto pela banda marcial.

Já a segunda surpresa, ao contrário da primeira, foi de decepção ao

[...] enxergar aqueles guardas brancos, muito brancos. Eram todos louros, grandões, parrudões, parecia até que eram de outro país, pois eu nunca tinha visto tantos juntos. E o desfile foi acontecendo, acontecendo e nada de aparecer um guarda negro. Unzinho só. Aquilo parecia uma guarda vikings, ou daqueles povos nórdicos. Quando dei por mim, o desfile estava acabando e eu fiquei assim, com aquela surpresa decepcionada. Não consegui nem aplaudir aquela exibição (Nascimento, 2006, p. 60).

O menino descobriu que o tratamento segregacionista, discriminatório, depreciativo e racista em relação ao povo negro não era uma atitude restrita as instituições privadas e com elas o trabalho assalariado, mas que ele fazia parte também das instituições pública.

Observou de forma crítica o evento, analisou em detalhes a instituição, Guarda Civil de São Paulo, e expôs seu diagnóstico sobre ela: “[...] como pode existir uma Guarda Civil sem ter ao menos um guarda negro. Um pretinho só valia a pena”

(Nascimento, 2006, p. 60). Na banda, por exemplo, havia a ausência de músicos negros – já que havia bons músicos negros no período, inclusive entre seus familiares – e o que poderia justificar o descaso em relação ao povo negro? Incomodado com essa questão o jovem Abdias Nascimento, decidiu retornar à cidade de São Paulo.

1.4. Vida militar: primeiras lições para uma vida militante

Abdias Nascimento concluiu seu curso de contabilidade entre 1929/30, aos 16 anos de idade e, logo em seguida se propôs a retornar à cidade de São Paulo, mesmo sem ter condições financeiras, parentes ou amigos – isso sem dizer o contexto familiar que o angustiava muito, pois a mãe estava doente,

[...] vítima de um derrame que a deixou com um lado do corpo paralisado; a avó materna que tinha sido escravizada em Uberabinha, Minas Gerais, havia endoidado, ficou internada no Juqueri e passou a morar com a família” (Nascimento, 2006, p. 61).

Neste contexto dramático e de muitas dificuldades restou-lhe a seguinte questão: *o que fazer para ir morar e viver na cidade de São Paulo?* O garoto decidiu se alistar no exército como soldado voluntário, pois com isso acredita resolver os problemas relacionados com a moradia e a fome.

Com 16 anos se viu obrigado a falsificar sua certidão de nascimento para ingressar nas forças armadas e, para realizar o feito, contou com a ajuda do advogado Antônio Constantino; que “[...] Além de me receber muito bem, me arranhou uma passagem de trem e me arranhou algumas cartas de recomendações para eu apresentar na região militar” (Nascimento, 2006, p. 61).

Após todo esse processo de angústias e sofrimentos por um lado e de lutas e dedicação para encontrar recursos para ir a São Paulo, de outro, o jovem Abdias Nascimento ingressa no exército brasileiro em 1930 e em 1932 participa da Revolução como soldado do 2º grupo de artilharia pesada.

A vida militar foi o meio mais adequado naquele momento e sobre aquelas condições familiares para deixar a cidade de Franca para trás e seguir a vida em São Paulo. Abdias Nascimento ingressou no exército como soldado voluntário em 1930 aos 16 anos de idade. Ele deixou a cidade, não por ser uma pessoa não quista – pois ele possuía boas relações com os amigos de escola e de trabalho – mas havia as

questões racistas que o incomodavam muito e isso o levava a querer sair da cidade para tentar a vida em outro lugar e conhecer o mundo.

Cumpriu o serviço militar no quartel de Quitaúna, em Osasco, na região metropolitana de São Paulo. Neste quartel ficava alojado o Segundo Grupo de Artilharia Pesada, a Cavalaria, Infantaria e a Engenharia do exército (Nascimento, 2006).

O momento era de muita agitação política, os soldados não podiam se meter em política ou qualquer assunto de cunho social. No exército, o jovem Abdias Nascimento alimentava o desejo de participar dos movimentos de reivindicação negra – mesmo que essa participação não tivesse orientação política, até porque acabara de chegar do interior e não entendia nada de política.

Mas o jovem, rebelde de princípios, assume o risco de ser flagrado em ações subversivas e passa a distribuir dentro do quartel, o Jornal “Lanterna Vermelha” de orientação comunista que circulava clandestinamente e, em seguida, funda “[...] o jornalzinho, O recruta, que chegou a circular por alguns números” (Nascimento, 2006, p.68).

Além dessas atitudes políticas, o jovem, mais uma vez resolve rebelar-se contra as orientações de seus superiores: no momento em que todo o exército estava de prontidão, em função das vésperas da Revolução de 1930, ele deixa o quartel e retorna à cidade de Franca, porque sua mãe havia falecido e ele não estava disposto a permanecer de prontidão no quartel enquanto o velório de sua querida e mentora mãe estava sendo organizado.

O jovem Abdias Nascimento, ao analisar o contexto no qual se encontrava e as consequências do ato a ser desenvolvido, esclarece “[...] não tive dúvidas e decidi fugir para ir ver a minha mãe, pois eu sentia ainda um fio de esperança por algum milagre, por uma novidade que não fosse a fatalidade imponderável da morte” (Nascimento; 2006, p. 68). Além da situação difícil na qual se encontrava em terras estranhas, o garoto passou a carregar o peso da orfandade materna. Peso que não o afastou de sua busca pelo desconhecido e de sua trajetória antirracista.

De volta ao quartel, o garoto foi chamado para prestar conta de seu feito e a partir dela foi conduzido para um novo local de trabalho, passando a servir na casa de ordem, instancia que fazia parte da burocracia militar. Dessa nova ocupação, o jovem Abdias pode acompanhar o desmonte de uma armação contra um oficial negro na época. Enquanto jovem, aprendeu a reconhecer e valorizar ações justas praticadas

por pessoas não negras, mas que contribuíram para a luta antirracista, cujo intuito era e é o de inserir e manter o povo negro dentro das instituições públicas e privadas em posições de relevâncias institucionais, bem como analisar o racismo presente nas forças armadas.¹

Para ilustrar essa ideia primeira, ele expõe a intervenção que o Cel. Manuel Rabelo, homem branco, fez em um processo militar, injusto, que expulsou um tenente, homem negro, do exército no período. O processo acusou o tenente de desonesto, porque estava relacionado aos “[...] processos de compras, controle de estoque, ou qualquer coisa dessa natureza” (Nascimento, 2006, p. 70). O coronel intervém no processo após a expulsão do tenente, e exige uma investigação mais detalhada e rigorosa sobre o objeto de acusação. Diante das novas evidências e provas, o coronel constata a fraude e decide reincorporar o tenente ao exército e a função que ora exercia (Nascimento, 2006, p. 70-71).

Semelhança ou não, mas o mesmo tipo de acusação vai ser feita, também, contra o cabo Abdias Nascimento, no final da década de 1930 começo da década 1940, que o levara, pela primeira vez, a prisão em 1943. Abdias foi condenado, por um tribunal militar, à revelia, durante suas viagens pela Amazonia e América Latina em companhia dos membros da *Santa Hermandad Orquídea*, por não ter cumprido a ordem de um oficial branco, do exército brasileiro, para digitar um balancete, no mínimo fraudulento, que ele nos revela da seguinte forma:

[...] A história do porquê me recusei a fazer esse inocente trabalho é larga e amarga, e a instituição onde servi, mais do que respeitável para nos impor silêncio; respeitemos-lhes as glórias e as cãs, abstando-nos de pôr a nu aleijões de um de seus servidores (Nascimento, 2023, p. 33).

A condenação impôs-lhe a sentença de dois anos de prisão em um presídio militar, mas como havia sido fichado na delegacia de Ordem Política e Social no

¹ A vida militar, por opção de sobrevivência, despertou em Abdias algum interesse. Quando criaram no Brasil a força aérea ou aeronáutica, o jovem AN firmou um pensamento “...pensei seriamente na possibilidade de ingressar naquela Força, para ser um piloto de avião”. Mas durante a verificação dos antecedentes militares constatou-se o “banho de sol” que realizara durante o serviço, momento no qual conheceu o coronel Manuel Rabelo, e isso rendeu-lhe o indeferimento ao pedido de alistamento. Anos depois, o jovem vai entender os verdadeiros motivos do indeferimento de seu alistamento na Aeronáutica e cita o caso do Artur Cunha, dizendo: “[...] um dos membros da equipe do Jahu, o avião que primeiro cruzou o Atlântico. Ele era um afrodescendente e não pôde ser oficial da nossa Aeronáutica. Teve que se contentar em ser oficial veterinário. Em vez de motores alados, cascos de cavalos” (NASCIMENTO, 2006, p.71). Assim, por meio dos acontecimentos anteriores, o jovem começou a desconfiar da presença do racismo dentro das forças armadas brasileiras, ao mesmo tempo em que estava a sentir esse fenômeno social na pele enquanto militar.

Estado de São Paulo, foi parar na Penitenciária do Carandiru assim que pisou na cidade.

Na prisão, o jovem Abdias Nascimento colocou em prática as técnicas teatrais que havia aprendido, na Argentina, com a companhia de teatro independente de Leônidas Barletta (1902 – 1975), o *Teatro del Pueblo*. Desta forma, as primeiras montagens de peças teatrais que o Jovem Abdias realizou foram na prisão. Ele, com o auxílio do diretor da penitenciária, Dr. Flaminio Fávero, criou o “Teatro do Sentenciado” em 1943, na penitenciária do Carandiru, São Paulo.

Nesta linha de reconhecimento, haviam pessoas dispostas a reconhecer e a valorizar ações e intenções positivas nos outros sujeitos, mesmo que esses estejam na condição de subordinados; o jovem Abdias Nascimento cita, anos mais tarde, a figura do diretor da penitenciária do Carandiru, onde esteve preso por alguns meses, o Dr. Flaminio Fávero que implantou na penitenciária do Carandiru, na cidade de São Paulo, um sistema que tinha como fundamento “a bondade” e por meio dessa ideia tomou muitas iniciativas em benefício dos detentos (Nascimento, 2023, p. 80-81).

Assim, estamos a descobrir um jovem a desenvolver a sensibilidade reflexiva sobre as ações do “homem branco”, apreciar suas intenções, objetivos e valor, cujo intuito seria de poder construir laços de amizade em torno da luta cultural antirracista no futuro.

1.5. Militância e consciência negra

O jovem Abdias Nascimento começou a participar das atividades e da militância política de forma mais orgânica, depois da revolução de 1932, entre os 18 e 19 anos, na Frente Negra Brasileira (FNB); depois de ter participado de algumas reuniões do Centro Cívico Campineiro a convite do amigo de infância, Geraldo Campos de Oliveira.

O grupo tinha por objetivo evoluir na produção literária e para isso

[...] pretendia se dedicar à atividade de escritor, a partir da identidade racial. Mas essa iniciativa também se caracterizava como uma forma de reação para a valorização dos negros. Eles tinham uma posição de insatisfação latente em relação a esses grupos e organizações culturais que estavam sempre omitindo a presença dos negros na cultura brasileira, que não tratavam das questões negras, ou que até mesmo recusavam os negros como seus membros, como é o caso da academia brasileira de letras, entre muitas outras que conhecemos. [...]” (Nascimento, 2006, p. 77).

Essa passagem pode nos revelar muita coisa sobre as inclinações intelectuais do jovem AN para as questões culturais de cunho identitário, ou seja, que buscavam valorizar e fortalecer a presença e as contribuições dos povos africanos e afro-brasileiros para a formação da cultura brasileira.

A cultura identitária, aquela que permite identificar os sujeitos dentro de uma sociedade em relação a sua ascendência ancestral, estava presente na memória e na luta dos jovens intelectuais período. Neste momento da sua vida militante, o jovem Abdias reconheceu que não tinha preparo o suficiente para acompanhar o pessoal do Centro Cívico Campineiro, que buscavam um ativismo intelectual como escritor negro e discutir as questões do povo negro. Nesse contexto, ele deixou de acompanhar o pessoal de Campinas e passou a frequentar as reuniões de base da frente negra, assumindo sua militância política.

Na FNB, o jovem Abdias foi militante de base, não tinha nenhum vínculo com o comando da organização. Seu ativismo político nela era pelo “[...] combate à discriminação racial, que naquele tempo era muito forte em São Paulo” (Nascimento, 2006, p.78). Notemos que a cidade de São Paulo emerge na cena de luta como uma cidade segregacionista e racista porque não aceitava a presença do povo negro em determinadas localizações nas quais a atividade comercial fluía e nos espaços de menor relevância, como “cinemas e barbearias”, por exemplo, imagine então os ambientes mais sofisticados.

A militância orgânica despertou a atenção de Abdias para a ideia de orgulho coletivo presente nas fileiras da frente negra e que ele havia aprendido com seus pais. Além disso, a militância trouxe-lhe uma nova consciência sobre as questões raciais, principalmente sobre o processo de restrição que o povo afro-brasileiro tinha em algumas regiões da cidade.

Para exemplificar esse processo, ele nos conta que:

[...] isso em 1937, quando um delegado baixou uma portaria proibindo os negros de passear naquela rua. Ali era uma local de encontro da juventude preta, que passeava, namorava, olhava as vitrines, todo esse divertimento simples da nossa gente. Mas o tal delegado, o dr. Alfredo Issa, atendeu a um pedido dos lojistas, proibiu, assim acintosamente, que os negros passeassem na rua Direita. Foi então que aconteceu uma reação muito forte. Eu inclusive pertencia a uma comissão, que veio de São Paulo para o Rio de Janeiro tentar fazer uma denúncia direta ao presidente da República. Fomos à capital do país levar o nosso protesto: Fernando Góes, Rossini Camargo Guarnieri, José Gaudino e eu. Os jornais então sobre forte censura, não puderam publicar nada, com exceção de um artigo de Osório Borba que ‘furou’ a

censura”, mas que não ajudou muita coisa. Valeu pela coragem de Osório Borba” (Nascimento, 2006, p. 78-79).

Assim podemos notar que, mesmo durante a iminência do governo autoritário de Getúlio Vargas, a juventude preta tinha muita disposição para combater o racismo em São Paulo tanto na força física como na ação política de denúncia direta ao Presidente da República.

Abdias surge para a vida política com o propósito de intervir na luta sociocultural, na qual o racismo, a segregação racial, discriminação e a marginalização do povo negro se manifestam, mesmo que o contexto social e político fosse de profundo autoritarismo.

Da criança que recebia os mimos das sinhazinhas com desconfiança ao adolescente e militante cheio de disposição e coragem para enfrentar quaisquer desafios em defesa da sua condição de afrodescendente, Abdias Nascimento participou das lutas físicas e políticas dos jovens militantes da Frente Negra Brasileira que tinham por objetivo denunciar e resistir ao processo de institucionalização da segregação social, racismo e marginalização do povo negro e afrodescendente na cidade de São Paulo e, possivelmente, no Brasil.

Neste processo de amadurecimento da consciência antirracista, AN relata que na Cidade de São Paulo muitos ambientes de descontração e divertimento não aceitavam a presença do povo negro em seus eventos. Assim, podemos destacar o evento ocorrido no Cabaré Danúbio Azul, no qual Abdias Nascimento e Sebastião Rodrigues Alves foram impedidos de dançar por causa da cor de suas peles. Foi nesta ocasião que aconteceu uma cena cinematográfica de luta antirracista.

O Cabaré Danúbio Azul era mantido por uma administração racista que não aceitava negros em seus eventos, por isso resolveu proibir os jovens, Abdias Nascimento e Sebastião Rodrigues Alves de dançar. A reação dos jovens foi imediata! Sebastião Rodrigues Alves sacou o revólver, colocou todos contra a parede pediu para Abdias Nascimento escolher uma dançarina e dançar com ela. Os jovens afro-brasileiros, no início do século XX, se viam obrigados a praticar atos violentos contra as manifestações racistas, até mesmo nos momentos de lazer.

Abdias descreve a situação como “[...] uma cena bem violenta, cinematográfica, com a orquestra tocando e o Rodrigues Alves sustentando aquela situação, de manter a música e a minha dança com a arma apontada” (Nascimento, 2006, p. 79).

A segregação social, o racismo e a marginalização do povo negro e afro-brasileiro era um fenômeno corriqueiro na cidade de São Paulo; só não foi institucionalizado em função da reação violenta dos jovens negros no período, porque tentativas de institucionalização do fenômeno, houve. A situação no período era de não aceitação de negros e afro-brasileiro nos ambientes comerciais do centro da cidade, porque

Na mesma linha do episódio do Danúbio Azul, eu e o Rodrigues Alves tivemos uma outra experiência, em fevereiro de 1936. Éramos cabos do exército e estávamos à paisana. Pois bem, resolvemos ir a um bar que se chamava Majestic, na rua Aurora ou na rua Vitória. Chegamos lá e se repetiu aquela coisa de sempre: só podíamos entrar pela porta dos fundos. O motivo? Porque éramos negros. É claro que foi inevitável que acontecesse uma grande cena de pugilato, com pancadaria, quebra-quebra, palavrões e gritaria em todas as direções. O problema é que esse bar ficava no andar térreo de um prédio que, a partir do primeiro andar, era residencial. Não sei se chamaram ou se foi por pura casualidade, mas descia, exatamente no momento da refrega, da luta, o dr. Egas Botelho, o delegado da Ordem Política e Social do Estado de São Paulo. Ele veio cheio de autoridade e arrogância, tentando intimidar a todos, não a nosso favor, já que tínhamos sido discriminados, para garantir o nosso direito de cidadãos brasileiros. O que ele fez foi tomar a posição de defesa dos sujeitos que estavam nos discriminando. Mas nem pensamos duas vezes, e ele também entrou na porrada. O delegado não saiu ileso da confusão (Nascimento, 2006, p. 80).

Notemos que a passagem pode nos revelar a tendência de institucionalização do racismo por meio da presença do “delegado de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo” na cena, a tomar o partido dos racistas e agressores. A rebelião juvenil foi intencional e deliberada, um verdadeiro ato de resistência contra a agressão racista e covarde. Os jovens buscaram defender a integridade física e social dos afro-brasileiros e dos negros frente a uma atitude racista e covarde que estava a se desenvolver nas regiões comerciais da cidade de São Paulo.

O período, pelo que se pode imaginar, era de muitas lutas físicas e reativas à violência racista e segregacionista, que buscava abrir caminhos para a sua institucionalização jurídica. Não podemos perder em nossa memória a iniciativa de Alfredo Isso, que baixou um decreto a pedido dos lojistas da Rua Direita, que buscava, na forma legal, restringir o acesso do povo afrobrasileiro em determinadas regiões e locais do centro da cidade. A militância de AN na frente negra brasileira foi de muitas lutas e de pouco ativismo político, porque a pouca idade e a ausência de habilidade o distanciava dos quadros que decidiam o caminho político a serem seguidos.

Se não tivemos leis segregacionistas e racistas no Brasil é porque houve reação e muita luta física por parte da juventude negra e dos intelectuais negros, contra quaisquer tipos de manifestação social que tinha em mira essa finalidade. O comércio no centro da cidade de São Paulo manifestou essa intenção, buscou uma manifestação do poder público, que em certa medida compactuou com ele, mas não obteve o sucesso esperado em função da reação violenta da juventude afrobrasileira que engrossavam as fileiras da frente negra.

As consequências dessas ações militantes foram difíceis para o Abdias Nascimento e seu amigo Sebastião Rodrigues Alves, porque ambos foram expulsos do exército, foram fichados no Gabinete de Investigações do departamento da delegacia de Ordem Política e Social do Estado de São Paul e, por isso, passaram a ser perseguidos pela polícia. Além dessas ações pontuais contra a estruturação legal da segregação social e racismo havia também a vinculação deles na Ação integralista Brasileira.

No período, havia uma luta contra a presença do imperialismo e o colonialismo norte americano, e os jovens Abdias Nascimento e Sebastião Rodrigues Alves lutaram contra essa presença, ganhando lugar nas fileiras do integralismo, logo subversivos e fichados na delegacia de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo, porque essa era a fonte da qual se extraía as instruções de combate ao entreguismo cultural e político.

Frente a esse quadro, Abdias Nascimento e Sebastião Rodrigues Alves decidem deixar a cidade de São Paulo. Sem recursos, sem moradia, sem emprego, sem ter o que fazer para sobreviver. Abdias Nascimento segue para a capital, Rio de Janeiro, e Sebastião Rodrigues Alves para um convento franciscano em Santa Catarina e com isso iniciaram uma nova fase em suas vidas (Nascimento, 2006, p.81)

No Rio de Janeiro, Abdias foi morar no morro da Mangueira, sem conhecer ninguém; Rodrigues Alves o indicara um amigo que havia lutado ao seu lado durante a Revolução de 1932. O jovem, a passar por muitas dificuldades, “[...] num miserê, absolutamente duro, sem dinheiro para a comida ou para a passagem do bonde” (*op. cit.*, p.81) foi trabalhar na rádio Ipanema, como faxineiro de auditório. Trabalhou por duas horas, porque tinha que “[...] catar ponta de cigarros, escarro e cuspes das pessoas” (*op. cit.*, p.81), a atividade era muito nojenta e por isso não aguentou e saiu.

Após essa experiência trabalhou de *free-lancer* no jornal *O Radical*, como revisor, atividade com a qual conseguia garantir a refeição. Em seguida, AN passou a ser colaborador do jornal *A Offensiva*, de orientação integralista.

Está jornal foi criado pela Ação Integralista Brasileira (AIB) com o intuito de combater o governo de Getúlio Vargas. A partir dessa convivência direta com os quadros políticos da AIB, Abdias Nascimento decidiu abandonar o integralismo. No trabalho, o jovem passou por uma experiência muito amarga que o decepcionou demais; sentiu em sua pele e percebeu, nos quadros do integralismo, “um certo racismo” (Nascimento, 2006, p. 82).

Apesar de seu rompimento, Abdias Nascimento afirma que a AIB foi muito importante e significativa em sua vida e formação política, afinal

Ninguém entra para um movimento se não tiver um mínimo de identidade com as causas que são defendidas; e o movimento só se faz movimento porque as suas lideranças conseguem agregar esses interesses comuns entre as pessoas. O que me levou ao integralismo foi sua posição anti-imperialismo e antiburguesa. O que me interessava era a luta contra o imperialismo, contra a penetração americana. A possibilidade de estar num movimento com esse fim me empolgava e me tocava profundamente. O apelo do integralismo era bem mais amplo, principalmente quanto ao nacionalismo; havia uma preocupação marcante quanto a defesa da identidade nacional, do patrimônio nacional, das riquezas e das reservas naturais, e os Estados Unidos representam a destruição disso tudo” (Nascimento, 2006, p. 82).

Nesta passagem podemos perceber o alto nível de consciência política que o jovem Abdias possuía na época.

Não podemos nos esquecer que toda a sua educação escolar, da infância ao início da adolescência, fora marcada por uma educação de princípios nacionalistas, com a qual aprendeu a valorizar os símbolos nacionais e assim exaltar a identidade nacional, bem como o gosto pelo atletismo na adolescência e por meio dele a possibilidade de representar sua cidade natal (a noção de pertencimento já era muito forte no início da adolescência). Aliado a isso, soma-se a ideia de pertencimento à nação brasileira, diretamente alimentado por seus pais. Outro elemento importante para entender esse vínculo com o integralismo é a vida militar pela qual Abdias, por necessidade migratória, passou.

Neste contexto militar será difícil encontrar oficiais de alta patente com discursos contrários a soberania, a identidade nacional e nossa cultura. Abdias Nascimento veio dessa linhagem cultural e histórica, e seria muito estranho se ele aderisse a outra ideologia política que não possuísse vínculos nenhum com a história

nacional. O período era de luta e resistência à incorporação e ingresso dos valores estadunidenses em terras e na cultura brasileira. Assim, o integralismo foi um forte aliado na luta contra a adesão cultural aos valores norte-americanos na época. Além disso tudo, o jovem Abdias sempre se mostrou muito seguro e firme em suas decisões, pois as planejava com muita antecedência e sempre em contexto de muita dificuldade.

Outro fator de muita relevância para entender esse vínculo com a AIB é a condição de vida social na qual se encontrava na cidade do Rio de Janeiro. Condição que ele nos relata da seguinte forma:

Para um jovem do meu estrato social, sem nenhum apoio, ter buscado aquele engajamento nas atividades integralistas já foi um grande feito; e até me admiro, pois o mais comum, para um rapaz naquelas condições em que eu vivia, era ter me transformado num marginal, num arrombador ou coisa parecida. Tudo levava a isso, uma vez que eu não tinha ninguém que me orientasse, as companhias não eram das melhores, não tinha a amizade de pessoas que pudessem me ajudar; vivia numa situação de completo desamparo” (Nascimento, 2006, p.82-83).

Observamos na passagem a situação difícil na qual se encontrava o jovem Abdias Nascimento e por meio dela apreciar e respeitar o seu vínculo ao integralismo. Ela foi uma questão de sobrevivência, assim como o seu ingresso nas forças armadas, ou seja, no exército brasileiro em 1930 e esta situação ocorre logo após a sua expulsão do exército que aconteceu em 1936.

O sobreviver falou mais alto, construir vínculos políticos e culturais, amizades fora do local de moradia, fonte de renda – mesmo que, esporadicamente, deu sentido ao vínculo – e, além disso o manteve firme em suas lutas, anti-burguês, anti-imperialista e anti-estadunidense, despertando sobre o racismo dentro da estrutura da AIB.

Com essa participação na AIB, o jovem Abdias buscou evitar a sua marginalização, ou seja, não se transformou num criminoso, como ele mesmo reconheceu essa possibilidade. Não podemos nos esquecer que o jovem Abdias Nascimento planejava muito suas ações e para ter segurança nos passos que iria dar.

Outro ponto memorável desse vínculo e colaboração no Jornal *A Offensiva* foi o de permitir construir relações sociais e culturais, que fornecessem bases seguras para superar o sentimento de insegurança e desalento no qual estava inserido. Segundo ele, no integralismo teve acolhimento ao mesmo tempo em que pode construir relações dialógicas com

[...] grandes figuras da inteligência brasileira como por exemplo, o dr. Delamare – que era um catedrático da Faculdade do Direito -, Thiers Martins, Antonio Galoti, Rômulo de Almeida, Ricardo Werneck de Aguiar, Ernani da Silva Bruno, José Garrido Torres, Gustavo Barroso – que tinha a característica do antijudaísmo, era um grande intelectual, uma personalidade da academia. Lá encontrei personalidades muito importantes; foi lá que fiquei amigo de dom Hélder Câmara, foi lá que eu conheci Santiago Dantas, foi lá que eu conheci Roland Corbusier, Alceu Amoroso Lima, Gerardo Mello Mourão, Adonis Filho, que foi diretor do Serviço Nacional de Teatro. Quer dizer, lá encontrei uma juventude muitíssimo inteligente e com uma grande garra de ajudar esse país. Enfim foi uma oportunidade que eu nunca tivera antes” (Nascimento; 2006, pg. 83).

Na perspectiva do Abdias, esse foi um vínculo positivo do qual carregou boas lembranças, porque o inseriu na cena cultural e na política brasileira; o aproximando da juventude política na capital do país.

Essa juventude nutria ideais inovadores para o Brasil, já que todos eles tiveram uma educação de princípios nacionalista, porque os padrões estéticos ditados pela “bela época” estavam em declínio ao mesmo tempo em que o estadunidense buscava construir vínculos com a sociedade brasileira.

Assim, podemos destacar o porquê da valorização dos símbolos, identidade, do patrimônio cultural, das riquezas e dos recursos naturais do Brasil. Foi neste contexto de transição, que essa juventude foi educada e a partir dela construíram perspectivas de desenvolvimento econômico, social e cultural para o país, com as quais buscaram distanciar a participação de forças estrangeiras, principalmente a estadunidense. Abdias Nascimento participava desse grupo não de forma voluntária, mas de forma propositiva, com a qual buscava aprender e entender as grandes questões nacionais que mobilizavam a sociedade brasileira no período.

Além desse grupo de intelectuais vinculados a AIB com o qual trocava conhecimentos e ideias políticas, também possuía uma vida boêmia, com a qual conheceu inúmeros intelectuais, poetas e artistas brasileiros, fora desse campo político, mas que nutriam em suas atividades e composições o gosto pelas manifestações culturais do povo brasileiro.

O jovem Abdias Nascimento frequentou o Café Gaúcho, ponto de encontro de grandes personalidades da cultura e da poesia nacional, como Silveira Neto (1872 – 1942) um dos grandes nomes do simbolismo no Brasil, seguidor do trabalho de Cruz e Souza (1861 – 1898); Catulo da Paixão Cearense (1866 – 1946) o poeta do sertão que se destacou nos estudos da poesia, como teatrólogo, estudioso da música

popular e folclórica, entre outros nomes de relevância na cultura brasileira; assim como manteve amizade e conversas com o historiador do simbolismo, crítico literário e músico brasileiro Andrade Muricy (1895 – 1984).

A partir a educação escolar recebido na infância e adolescência, Abdias manteve-se fiel as orientações e as influências dos estudiosos da cultura nacional, a mesclar influências de intelectuais ligados ao movimento integralista e de intelectuais, artistas e poetas sem vínculos ideológicos.

A multiplicidade de influências política e cultural transformou Abdias Nascimento num pensador enigmático a ser desvelado nas consciências de nossos acadêmicos, porque as experiências de juventude não são esquecidas, mas sintetizadas nas produções de amadurecimento. Na síntese se produz recusas aos excessos da juventude.

Abdias Nascimento foi muito grato ao integralismo, em função da aprendizagem que ele lhe proporcionou. Por meio do integralismo passo a “[...] entender realmente de arte, literatura, economia, educação, defesa nacional, os grandes problemas nacionais e outras questões de fundamental importância na vida de um país” (Nascimento, 2006, p. 83); mas esse aprendizado não se vincula as questões raciais, porque dentro do movimento integralista estava presente o racismo. Seu aprendizado, durante sua curta permanência no integralismo, estava associado ao fortalecimento de uma cultura geral – de nacionalidade e de pertencimento – e de experiência cívica – admissão e fortalecimento dos símbolos nacionais (NASCIMENTO, 2006, p 83).

Por outro lado, não podemos negar que o integralismo promoveu a abertura de portas ao trabalho intelectual, afinal fora lá que ele desenvolveu e aprofundou suas habilidades de escritor e intelectual, tanto como revisor no jornal *O Radical*, quanto como colaborador no jornal *A Offensiva*, bem como jornalista no jornal do Povo. Toda essa movimentação e ativismo profissional estavam vinculados ao contexto jornalístico da época, marcado por um profundo domínio política de Getúlio Vargas e suas ideias inovadoras para o Brasil.

A função de jornalista era desenvolvida por profissionais de outras áreas, em função da carência de profissionais habilitados na área da comunicação, como em todas as outras áreas profissionais; assim muitos profissionais e intelectuais que aspiravam ascensão política e exercício da função pública, foram cooptados pela onda varguista, entre eles o jovem Abdias Nascimento que, além da educação nacionalista, encontrava-se num “miserê” danado.

Mesmo dentro deste contexto de profundas necessidades e de aberturas de portas que o integralismo lhe proporcionava, o jovem AN não fechou seus olhos e ouvidos críticos frente aos ditos e feitos da maioria dos quadros do integralismo. O maior problema que o jovem Abdias Nascimento enfrentou nas fileiras do integralismo foi o racismo. Neste sentido ele diz: “[...] O meu problema foi o racismo de alguns contra os negros, que era a minha bandeira principal” (Nascimento; 2006, p. 84). Assim penso que, fica claro que os anos da conhecida Era Vargas foram importantes para a definição de caminhos para as lutas sociais que viveram sufocadas nas décadas anteriores; principalmente aquelas que estavam vinculadas as demandas do povo negro.

O Jovem AN permaneceu nas fileiras do integralismo por pouco anos. Essa permanência foi em função da sua simpatia por Plínio Salgado, homem que ele define como “[...] sujeito simples, humilde, intelectual fabuloso e despido de qualquer vaidade” (Nascimento; 2006, p. 84) e será esse homem quem irá financiar o seu projeto de fundação e organização do TEN.

Mesmo toda essa admiração pelo principal ideólogo do integralismo, não foi capaz de o segurar dentro da instituição por muito tempo, porque existem coisas, na trajetória intelectual de Abdias Nascimento, que vão além das necessidades contextuais e materiais. Sua perspicácia, suas convicções, sua determinação, capacidade de análise e objetividade na luta antirracista estavam para além da necessidade imediata. O espírito de sacrifício e a perseverança na luta contra a depreciação, discriminação, a segregação e o racismo contra o povo negro e seus descendentes o colocou em movimento desde sua infância, e não seria as benesses financeiras que o integralismo lhe conferia que iriam fazer com que Abdias inibisse sua pulsão de lutador antirracista.

O racismo no integralismo não foi uma coisa suposta, mas uma experiência vivida que o levou a abandonar a Ação Integralista Brasileira. Seu trabalho na cobertura das campanhas para a criação da Faculdade de Economia passava por uma grande censura e perseguição. Abdias Nascimento relata a experiência dizendo:

[...] eu também estava envolvido numa ofensiva, ajudando na campanha para que fosse criada a Faculdade de Economia. Com isso eu entrevistava muita gente, muitas personalidades, e com elas tirava as fotografias para ilustração das matérias; mas essas fotos nunca foram publicadas, pois eram cortadas por um português que era secretário do jornal. Além de não sair o meu nome nas matérias, o que eram um critério do jornal, também não saia as

fotografias. Eu fui observando aquela situação e comecei a perceber algumas coisas que não me agradavam, no sentido do tratamento dispensado aos negros. Não era uma orientação deliberada, mas existia, dentro do integralismo, um segmento que era sistematicamente racista contra os negros. Nunca falei ou discuti esse assunto com o Plínio Salgado. O certo seria eu ter denunciado aquela situação; entretanto, o que decidi foi sair do integralismo. Essa é que é a verdade. Isso aconteceu logo depois que cheguei ao Rio de Janeiro, em fins de 1936; formalmente, a minha saída foi em 1937 (Nascimento; 2006, p. 84 -85).

Nesta passagem podemos analisar que o jovem Abdias possuía uma convicção militante sobre as causas do povo negro que, nem as atividades econômicas com as quais supria as suas necessidades pessoais foram capazes de convencê-lo a conter sua pulsão antirracista. Abdias Nascimento rompe com AIB, não por discordar de suas bandeiras políticas, mas pela presença do racismo que havia dentro da organização em relação ao povo negro.

Além de romper em definitivo com o integralismo, Abdias Nascimento produziu uma dura crítica sobre o movimento. Segundo ele a AIB não cedia nenhum espaço aos negros e para o povo comum na luta por suas bandeiras: era um movimento de natureza burguesa e capitalista; de caráter e perspectivas autoritárias, mas que precisava ter em seu entorno uma massa de pobres que ansiavam por justiça social e liberdade.

Sua participação no integralismo não passou de arroubos juvenis, pois não possuía, aos 18 anos de idade, nenhuma experiência política, quiçá convicções ideológicas. Somente com muito “[...] o estudo, o sofrimento, a meditação e o tempo puderam esclarecer muita coisa em minha consciência” (Nascimento; 2006, p. 85).

Neste contexto de amadurecimento intelectual e político, observamos que o rompimento com o integralismo foi o curso natural, porque gente pobre esclarecida pode analisar e avaliar organismos políticos/ideológicos e optar de forma responsável pela sua participação ou não nesses organismos. Abdias, por meio de suas experiências, ampliou seu horizonte intelectual, suas convicções políticas, chegando à conclusão de que não havia sentido um intelectual negro dentro de uma instituição racista.

1.6. Da cor da pele à consciência negra

Sair do integralismo significaria assumir o anonimato intelectual e o anonimato na militância política? Sim, foi esse o caminho escolhido pelo jovem Abdias

Nascimento porque, uma vez distante do integralismo e de suas orientações, estaria aberto as novas experiências culturais e políticas.

Ao romper em definitivo com o integralismo, ele sai do Morro da Mangueira e passa a morar em Duque de Caxias. Neste novo contexto sociocultural, o jovem Abdias Nascimento passou a conhecer e a experimentar suas raízes culturais africanas. Era um desejo adormecido dos tempos de crianças, porque

[...] a comunidade do Engenho Queimado esteve presente com uma expressão muito marcante na minha formação cultural. Apesar de eu não ter tido a oportunidade de conviver mais intimamente com eles, de aprofundar algum tipo de relação, só o impacto estético foi o suficiente para mexer muito comigo” (Nascimento, 2006, p. 44).

Na cidade de Duque de Caxias, no Estado do Rio de Janeiro, aos 23 anos de idade, o jovem Abdias Nascimento, começou a desvelar os sortilégios da “cultura africana”. Nesta cidade ele deu início aos estudos e conhecimentos sobre a religião africana e a cultura negra do Brasil. Neste período, buscou resgatar suas memórias infantis e, por meio delas, descobrir os elementos mais elevados da sua trajetória de luta. Entre eles podemos destacar o combate ao racismo e a valorização da identidade afro-brasileira.

Em Duque de Caxias, o jovem Abdias Nascimento, longe do integralismo, consegue um emprego na Comissão de Planejamento Econômico do Gabinete do Presidente Vargas (Nascimento, 2006), além de retomar e terminar sua graduação em Economia na Universidade do Rio de Janeiro. Neste período, com os problemas elementares da vida já mais resolvidos, deu início há um novo modo de vida e de conhecimento.

A cidade do subúrbio carioca foi a escola cultural dele. Nela passou a conhecer uma nova realidade do povo negro, totalmente diferente da que conheceu e viveu em São Paulo. Percebeu que no Rio de Janeiro o povo negro era mais próximo de sua herança cultural africana e, ali começou a conhecer e a frequentar as casas sagradas dos Orixás, ou seja, os terreiros de Candomblé, pois foi por meio da “[...] religião, fui me aprofundando na cultura negra” (Nascimento, 2006, p. 85).

Por meio desse contato, passou a dominar sua pulsão de jovem rebelde e lutador contumaz ao sentir algum tipo de racismo e discriminação contra ele ou contra o povo negro. Ali, no Estado do Rio de Janeiro, na cidade de Duque de Caxias, Abdias

Nascimento começou a conhecer “[...] a alma negra e a compreender as nossas tradições culturais” (Nascimento, 2006, p. 87).

Passou a ter contato e relações dialógicas com um outro tipo de intelectuais: o ciclo de intelectuais negros. Entre eles, destaca-se a respeitosa personalidade do poeta Solano Trindade, com quem manteve uma amizade profunda e de muito respeito por causa das convicções comunistas do amigo. Além disso,

Solano Trindade conhecia profundamente a cultura negra e tinha consciência disso. Outra personalidade de destaque foi Abigail Moura compositor e grande maestro, e que era regente da Orquestra Afro-brasileira. Convivi também com Joãozinho da Goméia, que comandava um enorme terreiro de candomblé em Duque de Caxias. Essas relações e amizades me permitiram ir cada vez mais fundo na construção de uma consciência da minha dimensão africana, que eu já estava quase perdendo; se não fosse esse acaso biográfico, eu acabaria sendo igual a tantos, mais um desses intelectuais esquecidos das suas origens” (Nascimento, 2006, p. 87).

Segundo seus escritos, até os 23 anos de idade, o jovem Abdias não possuía nenhum tipo de conhecimento mais elaborado sobre a religiosidade e a cultura negra no Brasil; então, foi a partir da convivência com esse novo ciclo de amigos, que passou a tomar consciência de suas origens culturais. AN foi um adolescente absorto em relação as suas origens africanas, mas nunca se recusou em lutar, fisicamente, na defesa da sua condição de homem negro; a partir dessa convivência com os intelectuais negros da baixada fluminense a sua luta ganhou um novo objeto e dimensões. O conhecimento sobre a religiosidade, ou filosofia da cultura africana, o transformou, porque “[...] permitiu que eu exorcizasse toda aquela educação católica na qual fui criado” (Nascimento, 2006, p. 88).

A partir desse conhecimento sobre a filosofia da cultura africana, o jovem Abdias Nascimento deu início ao processo de reforma íntima, com a qual passou a meditar, a refletir, sobre sua vida e sobre seu povo, além de suas origens africanas. Assim a reforma íntima deu-lhe uma nova dimensão do que seria de fato, ser uma pessoa negra e essa ideia o levou a perceber o quanto sua visão havia sido distorcida pelos brancos racistas.

Esse processo de depuração, o permitiu construir e consolidar a sua própria identidade de homem negro, pois havia chegado aos 23 anos de idade sem ter tido contato com a cultura dos orixás, com a história das origens do seu povo, de sua gente, ou seja, ele foi um jovem negro alienado de suas origens e da memória ancestral do povo negro.

A baixada fluminense foi a escola na qual Abdias Nascimento aprendeu que ser negro – porque ser negro não era apenas ter a cor de sua pele preta – era algo que ia para além disso, era preciso assumir a história e a memória de ancestralidade coletiva do povo afro-brasileiro, se apropriar dos valores filosóficos da cultura africana e, a partir desses referenciais, estudar, pensar, discutir e propor alternativas para a realidade difícil na qual o povo afro-brasileiro se encontrava.

Nascia aí o intelectual Abdias Nascimento, em plena Duque de Caxias, no Estado do Rio de Janeiro, nos anos de 1937. No ano seguinte foi para a cidade de Campinas, estado de São Paulo para realizar, o primeiro evento dessa trajetória de intelectual brilhante e aguerrido sobre as questões pertinente ao seu povo, organizando o Congresso Afro-campineiro, que tinha como objetivo

[...] combater o ostensivo racismo e separatismo tradicional dessa cidade e avaliar a situação global do negro no país. Durante uma semana, discutiram-se as condições de vida do negro brasileiro sobre vários aspectos: econômico, social, político, cultural. Em determinada sessão os promotores fizeram o juramento de voltar a África, a fim de ajudar a luta de libertação do continente negro, nossa terra ancestral (Nascimento, 2006, p. 90)

Não podemos nos esquecer que esse evento ocorreu durante a ditadura Vargas, momento no qual as perseguições e prisões políticas estavam no auge.

O congresso afro-campineiro foi o primeiro de muitos eventos que Abdias organizou para reunir o povo afro-brasileiro e discutir as questões raciais, pois com o fim da Frente Negra Brasileira, o povo afro-brasileiro ficou sem espaço político que fosse capaz de orientar suas ações. Abdias Nascimento compreendeu esse problema e passou a atuar na organização desses eventos. Ele foi um intelectual negro que soube compreender a desorientação política que a ditadura Vargas estava a imprimir na sociedade e a criar espaços em que o povo afro-brasileiro poderia continuar a se organizar e a discutir os problemas com os quais viviam no cotidiano.

CAPÍTULO 2

DO ATO CULTURAL E POLÍTICO: TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO

Neste capítulo, analisamos a concepção e objetivos que levaram Abdias Nascimento a criar, organizar e desenvolver o TEN. Os estudos sobre o TEN, buscam contextualizá-lo no tempo e no momento cultural no qual a sociedade brasileira estava a passar. Além disso, vamos tentar observar o contexto político no qual essa instituição emergiu.

O TEN surgiu na cena cultural brasileira em 13 de outubro de 1944, na cidade do Rio de Janeiro, por iniciativa de Abdias Nascimento. Momento no qual o país buscava consolidar a sua identidade cultural, por meio da valorização da estética nacional e suas tendências.

Neste contexto, destacamos que o governo Vargas decretava, em 1937, o Decreto-Lei 92, cujo art.º 1º versava: “o teatro é considerado como uma das expressões da cultura nacional, e a sua finalidade é, essencialmente, a elevação e a edificação espiritual do povo” (BRASIL, 1937). Assim o povo negro, que estava em luta cultural e social há séculos em prol da sua participação na organização e edificação da cultura nacional, sentiu a necessidade de intervir nas produções dramáticas nacionais.

Neste processo de intervenção, a proposta de teatro encabeçada por Abdias Nascimento e pelo TEN tinha por objetivo a conscientização, a organização, orientação e educação do povo negro sobre as suas origens africanas e seus direitos de cidadãos brasileiros, cuja participação neste processo de consolidação da cultura nacional seria inegável.

Com essas perspectivas o TEN era colocado em direção aos trilhos forjados pelo movimento da negritude, mesmo sem ter tomado conhecimento das suas concepções teóricas. Mas o que foi a negritude? A Negritude foi um movimento estético, cultural e político que mobilizou toda a comunidade negra na diáspora, em prol de sua ancestralidade africana e em defesa da África contra as agressões praticadas pelos invasores europeus – visão preliminar que não convém, neste momento, ser discutida, mas que pode ser retomada em outras pesquisas.

O Teatro Experimental do Negro (TEN) sintonizou as lutas do povo negro no Brasil com as lutas da comunidade negro internacional e com o movimento da negritude.

2.1. As origens do TEN

“*Eu vim do Teatro del Pueblo para o Brasil em 1943*” (Nascimento; Semog. 2006, p. 115). Com essas palavras Abdias Nascimento revela a escola dramática na qual estudou teatro e a dramaturgia; estudos com os quais trabalhou e desenvolveu e o TEN.

O *Teatro del Pueblo* surgiu na Argentina em 1930, momento no qual o país passava por uma profunda crise econômica e social. Neste contexto de crise pós primeira guerra mundial, emergiu a necessidade de reformular o teatro: os sujeitos envolvidos com o teatro (diretores, atores, intelectuais, escritores e outros) sentiram a necessidade de trazer para dentro da dramaturgia as questões de relevo social e nacional, para isso propuseram “[...] a reformulação dos textos, da linguagem cênica, da concepção de palco e cenário e técnicas de atuação”, ou seja, uma inovação no modelo estético da dramaturgia na Argentina (Tabares, 2017, p. 10).

Dessa busca por inovação do modelo estético surge, na Argentina, “o movimento de teatro independente”, que foi consolidado por meio da intervenção de Leónidas Barletta (1902 – 1975)² ao criar o *Teatro del Pueblo* em 1930. Segundo Tabares, o movimento surgiu como “[...] reação a mediocridade cênica reinante, com o propósito de dotar o teatro de um permanente significado sociocultural, superar a escassez de espetáculo e a baixa qualidade dos repertórios” (Tabares, 2017, p. 10), também trazendo para o debate as questões voltadas a profissionalização do artista.

A crise econômica e social afetou as atividades culturais na Argentina e muitos artistas, assim como os membros do movimento, sentiram suas consequências, o que terminou por influenciar as reflexões em torno da profissionalização do artista de teatro e a sua remuneração. Essa ideia foi abandonada pelo grupo, porque seus membros viram no trabalho artístico um dos meios necessários à manutenção da vida e que poderiam ser mobilizados por todos os cidadãos que sentissem amor e atração pela arte cênica.

Assim, a ideia de profissionalização do artista não se aplicava aos sujeitos que amavam “[...] a criação cênica, que fazem uso de sua inteligência, sensibilidade,

² Leónidas Barletta (1902 – 1975) foi seu principal mentor. Ele foi dramaturgo, diretor teatral, narrador, jornalista, poeta e ensaísta que estava comprometido com a revolução social e via no teatro um dos principais caminhos na construção desse objetivo. Barletta buscou popularizar o teatro e por meio dele discutir as temáticas sociais do seu tempo com os operários e camponeses argentinos. Para isso aproximou a literatura clássica dos setores empobrecidos da sociedade Argentina.

energia e talento” para desenvolver a arte dramática e por meio dela assegurar sua existência e sobrevivência (Id., p.10).

Com esses princípios e o contexto político/ social/ cultural dos anos 1930, da América Latina e Caribe, o *Teatro del Pueblo* se transformou numa “escola teatral livre” e passou a influenciar o desenvolvimento de muitos dramaturgos, diretores, atores, intelectuais e escritores, enfim, gente envolvida com o teatro que estava e engajada com a reformulação e a inovação do teatro em seus respectivos países.

A partir da existência do *Teatro del Pueblo*, a América Latina e o Caribe passaram a contar com uma escola de teatro livre e popular, de inspiração revolucionária, promotora de uma nova postura ética e estética da cena dramática, cujo intuito seria fazer frente ao teatro convencional, comercial e não popular naquele período de crise (Tabares, 2017). Deste modo, o grupo do *Teatro del Pueblo* buscou organizar suas atividades a partir da organização do mundo de vida dos trabalhadores argentinos, com o intuito de criar novos espectadores e admiradores de teatro.

Abdias Nascimento frequentou essa escola de teatro de 1942 a 1943, poucos anos depois de sua criação por Barletta. Nela aprendeu as técnicas teatrais e, na penitenciária do Carandiru em São Paulo, comprovou, empiricamente, as técnicas e as teses propostas e defendidas pelo *Teatro del Pueblo*.

2.2. TEN: desafios e inovações estéticas

A cena cultural brasileira foi impactada como surgimento do TEN em 1944. A dramaturgia brasileira foi forçada a produzir inovações estéticas, porque Abdias Nascimento e o TEN trouxeram para dentro do teatro brasileiro o ator e o drama negro, assim como os elementos culturais afro-brasileira, a religiosidade e o culto aos orixás. Para Santa Rosa, “Nos fundamentos da nossa cultura a contribuição negra é a que, artisticamente, mais se acentua em nossa criação. Esses fundamentos africanos devem ser observados na “música, poesia, dança, literatura, pintura” (Santa Rosa, 1966, p. 11), arquitetura, escultura, moda ou no teatro, por exemplo.

A presença do povo negro na construção da cultura nacional brasileira é inquestionável, mas o problema maior foi dar visibilidade dramática, nos palcos brasileiro, aos atores negros e atrizes negras.

Até o ano de 1944, os palcos brasileiros reproduziram uma ideia, por meio da exposição cômica e de papéis degradados, negativa e discriminatória do povo negro

e seus descendentes no Brasil. Abdias Nascimento ao perceber essa negação e discriminação decidiu trabalhar a arte dramática entre o povo negro com o intuito de mudar essa realidade.

Na cidade de Lima, capital do Peru, Abdias Nascimento teve seu “despertar reflexivo” sobre a dramaturgia latino-americana e brasileira. Atitude que o levaria a abandonar seus estudos e conhecimentos de jovem administrador e economista, passando a se dedicar ao teatro e as atividades ligadas a formação da cultura nacional.

Em Lima ele teve a oportunidade de ir ao teatro, pela primeira vez na vida. Lá assistiu à peça “Imperador Jones”, do dramaturgo estadunidense “Eugene O’Neill” (1888 – 1953); montagem realizada pelo grupo teatral argentino do *Teatro del Pueblo*. O ator Hugo D’Evieri, homem branco, era o protagonista central e para desenvolver, nos palcos a tragédia de Brutus Jones, se pintava de preto. O personagem exigia de seu intérprete:

[...] força passional específica requerida pelo texto, e que unicamente o artista negro poderia infundir a vivência cênica desse protagonista, pois o drama de Brutus Jones é o dilema, a dor, as chagas existenciais da pessoa de origem africana na sociedade racista das Américas (Nascimento, 2024, p. 50).

Essa primeira passagem pelo teatro foi determinante para Abdias Nascimento perceber a ausência, nos palcos da América Latina e brasileiros, do ator negro e na encenação dramática a “metafísica originária” – conceito desenvolvido por Antoni Artaud, na obra *O Teatro e seu Duplo*, em 1993 – necessária que somente ele, o ator negro, poderia dar a tragédia que o personagem exigia: porque suas experiências de vida, sua histórica ancestral, sua cultural e suas tradições remanescentes de africanas seriam os alicerces de sua performance.

Esses dois elementos foram captados por Abdias Nascimento e motivaram a projeção, no pensamento de nosso intelectual, de um grupo de teatro dramático somente para atores e atrizes negras no Brasil, ou seja, era preciso fazer teatro negro na América Latina, principalmente no Brasil, cujo objetivo era construir um instrumento de combate ao racismo e a estética da branquidão nos palcos brasileiros e latino-americano, bem como conscientizar o povo negro sobre a sua história ancestral, sobre seus direitos e sua contribuição para a formação da cultura nacional. Ora, afinal a ausência não era somente desses dois elementos, mas um reforço psicossocial sobre

a incapacidade do homem negro em desenvolver ou atuar em papéis sérios, como ator dramático e de representar o seu próprio drama existente na sociedade ocidental.

Para Efraim Tomás Bó (? – 1978) foi essa experiência, em Lima, que motivou o surgimento do teatro dramático para negros no Brasil, sendo este feito obra exclusiva de Abdias Nascimento:

Há vários anos, Abdias do Nascimento e eu fizemos uma longa viagem que nos levou até Lima. Nesta cidade peruana vimos representar-se o 'Imperador Jones' pelo ator branco Hugo D'Eviéri. Foi naquela época – em 1941 – que Abdias se propôs a criar teatro negro ao voltar ao Brasil, chegando mesmo a ensaiar o papel de Brutus Jones e a discutir problemas de montagem e cenografia da famosa peça. Em 1945, li em Escelsior, do México, que aquele teatro, idealizado e projetado por Abdias, em Lima, estava já em movimento”, (Tomás Bó, 1966, p. 54).

Nesta passagem, Bó nos revela o quanto a experiência teatral, em Lima, foi marcante na carreira intelectual e cultural de Abdias Nascimento. Ela foi o seu ritual de passagem, porque as atividades ligadas a cultura, ao teatro e as artes dramáticas – entes sociais de suma importância para a consolidação da identidade e da estética nacional – passaram a fazer parte do seu imaginário criativo, levando-o a abandonar a carreira de economista.

Essa experiência teatral foi o espanto intelectual de Abdias, porque trouxe luz para os pensamentos ao desvelar a ausência da “metafísica originária”³, que somente o ator negro poderia expressar durante a apresentação do drama vivido por Brutus Jones, em função de sua história ancestral que reverbera na memória e nas experiências sociais e atemporais do povo negro latino-americano. Por um outro lado o espanto está associado ao ator branco pintado de preto para desenvolver um personagem negro. Neste momento Abdias desperta para a ausência do ator negro na dramaturgia latino-americana e brasileira. Essas duas percepções o levaram a projetar um grupo de teatro negro. E é a partir desse assombro, das conversas com Hugo D'Eviéri e com um projeto de teatro negro na cabeça Abdias Nascimento partiu para a Argentina com o intuito de estudar teatro e dramaturgia, com o grupo teatral do *Teatro del Pueblo*.

O Tetro del Pueblo foi a base intelectual do modernismo no teatro brasileiro e Abdias Nascimento o seu timoneiro. Não podemos falar de teatro moderno no Brasil

³ energia imanente do texto e do contexto histórico do povo negro em sua convivência com cultura do homem europeu.

sem mencionar o trabalho e as contribuições dele, que trouxe para o teatro brasileiro um novo olhar sobre o fazer teatro. Nestas perspectivas de inovação, o projeto de teatro negro propôs e reconcionou os sujeitos negro na cena cultural e na estética brasileira: porque Abdias Nascimento colocou, no palco do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, capital da República, o povo negro na cena e em cena dramática, em torno de seu próprio drama, ou seja, o drama de ser negro nas Américas.

Mas quem era esse povo negro que ocupou a cena cultural no municipal, sob o comando de Abdias Nascimento? Era um misto de sujeitos negros, porque tinha tanto intelectuais negros quanto negros semialfabetizados, mas que não deixaram de atuar com elegância e maestria em seus papéis durante o desenvolvimento do drama de Brutus Jones. Corroborando com essa discussão, Santa Rosa (1966, p. 13) esclarece que “[...] No entanto, a capacidade artística do negro, sua plasticidade e sensibilidade desenvolvidas em alto grau estavam aguardando orientadores que as aproveitassem numa função social mais definidora”.

Nessa perspectiva podemos perceber a importância que os ensinamentos, obtidos por Abdias Nascimento, no *Teatro del Pueblo* tiveram na formação do grupo do TEN; além de definir o caminho de atuação, ou seja, combater o racismo cultural, valorizar a identidade e a estética afro-brasileira e trazer a luz as contribuições que o povo negro deu à evolução da cultura nacional.

2.3. Dos primeiros movimentos a consolidação do TEN

Abdias Nascimento havia colocado a prova seu aprendizado no *Teatro del Pueblo* na penitenciária do Carandiru, São Paulo. A montagem do teatro do sentenciado foi a porta de entrada desse novo modelo de pensar e fazer teatro no Brasil (Souza Almeida; Gionco, 2022).

Esse novo modelo desenvolvido pelo Teatro Experimental do Negro, seguiu a tradição do teatro popular no qual os artistas podem não ser profissionais, os textos poderiam ser escritos pelo próprio sujeito que iria representá-lo, além de abolir a ideia de escola profissionalizante e salário para seus atores. A partir dessas experiências práticas com os detentos, Abdias Nascimento passou a mobilizar o sujeito negro para desenvolver a dramaturgia ou a arte dramática entre o povo negro. O grupo iniciou suas atividades com os antigos “irmãos” de luta antirracista, como

Agnaldo de Oliveira Camargo, agrônomo e advogado com quem organizou o congresso afro-campineiro; Sebastião Rodrigues Alves, amigo do serviço militar e militância na frente negra; Wilson Tibério, pintor; José Herbel, contabilista ou administrador; Teodorico dos Santos, trabalhava com arquitetura ou era arquiteto e Ironildes Rodrigues, professor, esse foi o grupo de intelectuais negro masculino, inicial. Nele foi associado Arinda Serafim; Marina Gonçalves e Ruth de Souza, todas elas eram empregadas domésticas (Nascimento e Semog; 2006, p.119).

Esse grupo, sob a direção de Abdias Nascimento, ousou enfrentar, inicialmente, a política cultural do embranquecimento nos palcos da capital brasileira, o Rio de Janeiro. A política cultural do embranquecimento não só valorizava o artista branco, como, também, reproduzia e fortalecia a discriminação e marginalização do artista negro nos palcos da capital do país; além de organizar, selecionar e levar para a cena cultural brasileira, os padrões estéticos ario-europeu. O TEN colocou o drama negro na cena cultural brasileira e com ele o ator negro em cena, atitude que inaugurou a presença do povo negro na dramaturgia latino-americana.

Após a criação e a apresentação do TEN, em 8 maio de 1945, a dramaturgia brasileira se viu forçada a adentrar a contemporaneidade cênica e para isso teve de assumir alguns princípios, como nos informa Leda Maria Martins:

[...] O TEN fazia-se, assim, um irradiador de denúncias sobre o racismo como sistema e estrutura, e, principalmente, um seleiro de preposições afirmativas então inéditas, dentre elas: o alçamento da importância ímpar dos povos africanos escravizados e seus descendentes na formação civilizatória brasileira, em todos os seus aspectos; a criação de uma dramaturgia que tivesse o negro e a negrura como temas; e a construção de uma linguagem cênica que também traduzisse o rico repertório performático, narrativo e estético das matrizes africanas e afro-brasileiras, realizando uma realização teatral e cênica diversa, inclusiva e potente. [...]” (Martins, 2024, p. 20).

Então foi a partir dessas preposições cunhadas pelo TEN que vai emergir na dramaturgia brasileiras peças, cuja temática era o racismo e o drama que o negro vivia na sociedade brasileira. Destes, podemos destacar

“Auto da Noiva, em 1946, escrita por Rosário Fusco, especialmente para o TEN; Aruanda, em 1946, escrita por Joaquim Ribeiro especialmente para o TEN; Anjo Negro, em 1946, escrita por Nelson Rodrigues; O filho Pródigo, em 1947, escrita por Lucio Cardoso, especialmente para o TEN; Filhos de Santo, em 1948, escrita por José de Moraes Pinto; O emparedado, em 1949, escrita por Tasso da Silveira; Sortilégio: mistério negro, em 1951 (1ª versão), escrita por Abdias Nascimento, especialmente para o TEN; é dedicada à memória de Aguinaldo Camargo e o amigo Roland Corbisier; Além do rio (Medea), em 1957, escrita por Agostinho Neto” (Nascimento, 2024, p.120).

O feito de Abdias Nascimento fez com que o Teatro brasileiro saltasse rapidamente do moderno ao contemporâneo, porque os temas imanentes da sociedade brasileira (o problema negro, o racismo, entre outros) continuavam marginalizados na proposta moderna de teatro.

Se a peça *Vestido de Noiva*, escrita em 1943 por Nelson Rodrigues, inaugurou a modernização do teatro brasileiro ao situar a cena dramática brasileira ao ritmo de vida da capital do país, Abdias Nascimento, com o TEN, foi além disso; porque ele teve nos palcos da capital da República, um espaço aberto para expor aos olhos do mundo o drama que o povo negro vivia no Brasil.

Independentemente da cidade, da região e dos Estados o povo negro e suas tradições culturais precisavam lutar e enfrentar a discriminação social, a segregação, o racismo e a marginalização, elementos imanentes da cultura áreo-europeia a qual estavam submetidos. Essas atitudes eram maquiadas pela política do embranquecimento e por meio da ideia de democracia racial. A tragédia do povo negro no Brasil passou a ser exposta para o mundo pelo ator negro, por meio de dramas e tragédias escritas por negros e seus apoiadores.

Abdias Nascimento e o TEN buscaram atender, dentro do trabalho cênico, as orientações que foram anunciadas pelo Decreto Lei nº 92/1937, sobre a importância de atualizar o teatro brasileiro enquanto uma das expressões da cultura nacional tendo como objetivo descrito à época, a elevação e a edificação espiritual do povo. Afinal, se o teatro tinha tal finalidade, então não haveria motivos para tratar o povo negro e suas tradições culturais com descaso: eles precisavam ser reconhecidos e valorizados enquanto entes participantes, como a maior ênfase dessa edificação e elevação espiritual do povo.

A partir dessa concepção de teatro podemos compreender a proposta contemporânea que Abdias Nascimento estava a propor. Para ele o povo negro e suas tradições culturais são partes permanentes dessa elevação e edificação espiritual, tendo os protagonistas dramáticos negros, a função de remover dos palcos da capital do país a imagem depreciada que o ator negro e a atriz negra deveriam cumprir. Com a presença do TEN a reformulação dos repertórios dramáticos, dos figurinos, cenários, técnicas de direção, construção de textos e personagens foi produzida e mantida por agente negro.

O TEN propôs uma renovação da estética na memória do povo brasileiro. Com ele a mulher negra ocupou as passarelas e os palcos brasileiros, organizando os

concursos de “Rainha das Mulatas” e festas sobre o tema “Boneca do Piche” com veículos de divulgação e exposição da beleza da mulher negra (Nascimento e Semog, 2006). Além disso os agentes negros (atores, atrizes, diretores de teatro) passaram a ocupar o teatro brasileiro e a expor o drama ancestral que do seu povo e as tradições culturais, remanescentes de África (música, dança, religiosidade, pintura, escultura, técnicas de edificações etc.), passaram a ter destaque e ser valorizados como elementos permanentes na cultura nacional.

Todo esse processo de inovação da dramaturgia e da cena cultural brasileira só pode acontecer em função do sucesso que o TEN teve em sua estreia. A normativa legal de 1937 deu o sinal e o caminho; Abdias Nascimento construiu o veículo e educou seus condutores em torno de um tema/tabu na dramaturgia brasileira; o drama negro. A montagem e a encenação da peça “Imperador Jones” de Eugene O’Neill, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, capital da república naquela época, pelo grupo teatral do “Teatro Experimental do Negro” (TEN), em 8 de março de 1945; alguns meses após a sua criação (datada de 13 de outubro de 1944) foi inovadora; a partir dessa iniciativa proposta pelo TEN muitas transformações foram introduzidas e incorporadas às produções cênicas do país, mas que não fazem parte dessa análise.

2.4. Do ato político: a luta política e suas consequências

O Teatro Experimental do Negro foi uma das mais belas iniciativas de Abdias Nascimento. Ele propôs o desenvolvimento do TEN num momento de profunda crise política e social. Contexto não era muito diferente daquele no qual foi criado o *Teatro del Pueblo* na Argentina. O governo autoritário havia colocado as instituições políticas (partidos políticos) na ilegalidade, restringindo as liberdades civis e colocando os sindicatos sob seu comando, após as intentonas integralista e comunista ocorridas em anos anteriores.

Neste contexto de restrições política, a luta cultural emergiu como vanguarda na obra de Abdias Nascimento, porque foi por meio dela que o povo negro retomou a ação política e social: organizaram projetos educacionais, formação profissional, atividades de conscientização, organização em torno dos direitos civis e cidadania para o homem negro e mulher negra.

Com essas propostas o TEN, sob a orientação de Abdias Nascimento, resgatou a luta política/social das primeiras organizações negras no Brasil pós-independência;

como a imprensa negra, que surgiu no século XIX e adentrou ao século XX; a Frente Negra que, de associação negra, se transformou em partido político com representatividade em boa parte do território nacional, além de propor nas primeiras décadas do século XX, um projeto de educação, conscientização e luta política para inscrever o povo negro na sociedade e na cultura brasileira.

O TEN surge nesta esteira de organização e de luta política do afro-brasileiro, nos anos 40 do século passado, com o intuito de promover ações políticas com as quais alicerçassem teórica e politicamente a movimentação do povo negro no Brasil. O sucesso e reconhecimento social dos palcos reverberam na ação política com a crescente organização e elaboração de conhecimentos em torno do problema negro na sociedade brasileira.

Assim, Abdias Nascimento buscou redimensionar a organização do povo negro a partir dos estudos e da literatura produzida por sociólogos e antropólogos brasileiros sobre as questões negras no Brasil. Combater o racismo institucionalizado foi o primeiro compromisso que os criadores do TEN tiveram e a partir dele podemos encontrar uma orientação intelectual que deve estar além das reivindicações sociais; mas para isso será preciso encontrar sua gênese política no ativismo vivido de Abdias Nascimento e nas intervenções culturais e políticas que o Teatro Experimental do Negro (TEN) promoveu ao longo dos anos de 1945 aos de 1960. Neste momento nossa escrita pretende identificar trabalhos e as produções teóricas que foram promovidas de pôr Abdias Nascimento em sintonia com as intervenções culturais do TEN.

2.4.1. Lutas políticas e organização do povo negro

Em novembro de 1937, Abdias Nascimento foi para a prisão, novamente; ao lado dos antigos amigos (alguns ex-integralistas) e outros estudantes da Universidade do Brasil, com os quais elaborava panfletos e os distribuía durante a campanha anti-imperialista – cuja marinha norte-americana se encontrava no Rio de Janeiro em apoio ao golpe militar.

Na prisão conviveu com os líderes do Partido Comunista e com toda a cúpula da ALN (Aliança de Libertação Nacional) que estava presa, também, na mesma penitenciária da Rua Frei Caneca, por causa do levante comunista de 1935. Luís Carlos Prestes estava preso nesta mesma penitenciária, mas isolado; por isso não

participava das reuniões e discussões que os militantes, presos, faziam ao longo dos dias e das noites (Nascimento, Semog, 2006, p. 89-90).

Abdias Nascimento foi um preso indisciplinado, exerceu o ativismo político em todos os momentos, inclusive nos tribunais ao reivindicar a liberdade clamada pelo Hino da Independência. O sentimento de ser brasileiro e estar no Brasil, entre o povo negro, tem suas raízes tanto nos movimentos de independência quanto nas batalhas da Guerra do Paraguai: momentos decisórios que contaram com a presença muito forte do homem negro.

Durante a sua educação escolar, Abdias Nascimento aprendeu valorizar os símbolos nacionais, a participação negra nestes processos e a reivindicá-los da sociedade e das instituições públicas. Ele nos diz: “[...] quando nos levavam para as audiências no Tribunal, nós cantávamos o Hino da Independência com um sentimento, com um tom provocativo, que levou os juízes a proibirem nossa ida ao tribunal [...]”. (Nascimento, Semog, 2006, p. 90).

Se determinadas ideias fazem parte dos símbolos nacionais, por que não fazer uso delas nos momentos mais adequados da luta política? Esses elementos históricos da vida social emergem nos momentos de autoritarismo e de crises políticas, são entes da cultura política que fazem parte da contraofensiva popular, pois a juventude busca algo que lhes forneça segurança no presente e de uma projeção de futuro mais aprazível à vida social, que de certa forma se manifestem nesses símbolos históricos.

Ao sair da prisão em abril de 1938, após seis meses de cativeiro e com 24 anos de idade, Abdias Nascimento seguiu para Campinas, cidade do interior do Estado de São Paulo, para participar ao lado do amigo Aguinaldo Camargo, de Geraldo Campos, Augusto Sampaio, João Alberto e do prof. Nelson Omega, da organização do “Congresso Afro-campineiro”. Esse evento foi, segundo o próprio Abdias Nascimento, o início da sua trajetória de intelectual e militante político em torno das questões étnico-raciais no país, sendo considerado também como o **primeiro ato político** de Abdias Nascimento.

O “Congresso Afro-Campineiro” ocorreu em 13 de maio de 1938 e teve o objetivo de “[...] combater o ostensivo racismo e separatismo tradicional dessa cidade, e avaliar a situação global do negro no país [...]” (Nascimento e Semog, 2006 p. 90). Neste, ocorreu por parte de Abdias Nascimento, os primeiros os estudos e análises sistemáticas sobre as reais condições do povo negro, promovidos pelos próprios negros. A realização do evento contou com a colaboração do Instituto de Ciências e

Letras de Campinas, por meio de seu diretor, o Prof. Nelson Omega e das alunas da Escola Normal de Campinas, reduto da “elite racista”, mas que demonstravam uma profunda sensibilidade sobre as questões voltadas ao povo negro (Nascimento e Semog, 2006, p. 91).

A partir desse evento Abdias Nascimento deu início a sua militância em defesa dos direitos civis que estavam distantes do povo negro, da conscientização dos homens e das mulheres negras sobre seus direitos e de denúncia ao racismo causador do flagelo do povo negro; mas, por onde começar? O que seria possível fazer para retirar o povo negro do “lodo social” no qual fora jogado depois do fim da escravidão e da Proclamação da República?

O evento trouxe para dentro das instituições de ensino, nos anos 1930, o problema” negro, que há muito tempo se discutia, mas que precisava de sistematização e organização naquela conjuntura política. Para enfrentar essa questão era necessário encontrar suas causas. Neste sentido elas têm, no sociólogo Guerreiro Ramos o seu desvelamento ao nos informar que “[...] O negro tem sido estudado, no Brasil, a partir de categorias e valores induzidos predominantemente da realidade europeia. E assim, do ponto de vista ou da óptica, os autores nacionais não distinguem dos estrangeiros, no campo em apreço” (GUERREIRO RAMOS, 1995, p. 163).

Foi neste evento que os jovens intelectuais negros ousaram se organizar, que o ato político emergiu como uma cunha negra e se impôs sobre o muro racista construído pela tradição ario-europeia na cultura brasileira. Assim, a primeira questão enfrentada pelos intelectuais negros foi o colonialismo cultural que a sociologia e a antropologia brasileira reproduziam.

A segunda questão foi promover o intelectual negro como agente político e porta voz das questões raciais que levaram e mantinham o povo negro no “lodo social”. A escrita de Guerreiro Ramos nos revela um dos alvos da luta antirracista que os jovens intelectuais negros, do início do século XX, ousaram enfrentar, ou seja, a luta cultural pode ser o primeiro campo da batalha antirracista.

Neste processo, o congresso afro-campineiro foi uma das portas que se abriram para os jovens intelectuais negros, se transformando numa tradição de estudos sistemáticos sobre as reais condições de vida do povo negro do Brasil. Estudos tais que tem nos olhos, nos pensamentos e nas escritas negras suas principais referências, forjando e desenvolvendo novas categorias e valores para

expor e discutir “o problema negro” no país. Neste contexto de trabalho e estudo, os jovens negros do congresso afro-campineiro davam início ao processo de revisão literária sobre a questão negra e a abriam olhos negros e pensamentos negros, além da escrita negra, sobre si mesmo e sobre seus antepassados.

Foi sobre essas experiências e óticas que Abdias Nascimento se conduziu por inteiro. Seu ativismo político e intelectual passou, nos anos de 1930, por muitas idas e vindas, oscilando entre simpatizante da esquerda, nos tempos de forças armadas, e o movimento do integralismo, período no qual lutava por sobrevivência e consolidação da identidade nacional; a superação do integralismo veio no momento em que houve a consolidação dessa identidade e a partir dela a adesão as ideias do nacional desenvolvimentismo, porque sentiu que era o caminho mais viável para a retirada do povo negro do ostracismo no qual foi posto.

O **segundo ato político** foi a criação e a organização do Teatro Experimental do Negro (TEN) em 13 de outubro de 1944; cujas discussões foram realizadas na primeira parte desse capítulo. Por meio dele, Abdias Nascimento promoveu inúmeras atividades de intervenção política na sociedade brasileira. A primeira ação política com o TEN, por meio de seus dirigentes (Abdias Nascimento, Aguinaldo de Oliveira Camargo e Sebastião Rodrigues Alves) foi a criação do “Comitê Democrático Afro-brasileiro”, em março de 1945.

O comitê surgiu como um braço político TEN. Sua tática inicial era promover uma campanha política em oposição ao governo autoritário de Getúlio Vargas e pela anistia dos presos políticos do período⁴, mas sua estratégia era construir e consolidar uma organização política que fosse capaz de lutar em defesa dos interesses e direitos para o povo afro-brasileiro.

As experiências vividas em outras frentes levaram os dirigentes fundadores do comitê a não colocarem nenhum tipo de patrulhamento político ou ideológico sobre aqueles que ousassem ingressar na organização. Realizada a campanha e alcançada a pretendida anistia, o comitê se dissolveu por falta de unidade política/ideológica em torno de sua estratégia. Ou seja, a luta em defesa dos interesses do povo negro foi o motivo da divisão interna e ela levou a expulsão dos criadores do comitê.

As lutas antirracista e de defesa dos interesses do povo negro não faziam parte do “espectro comunista no mundo”, assim os militantes comunistas construíram a

⁴ não podemos nos esquecer que Abdias Nascimento esteve preso, por 6 meses, ao lado daqueles presos políticos que estava lutando para anistiar.

derrocada do comitê democrático afro-brasileiro. A luta de classes deve se impor a todas as outras formas de luta, segundo o ideário comunista, mas será que essa luta de classe vai resolver as questões étnico-raciais pelo mundo? Temos um problema posto e não temos o controle sobre ele, porque luta cultural não pode ser tomada como sinônimo de luta econômica.

A Convenção Nacional do Negro Brasileiro foi o **terceiro ato político**, realizada no mês de novembro de 1945, na cidade de São Paulo. Ela contou com a presença de lideranças negras de várias regiões do país e de vários segmentos políticos; entre elas podemos destacar os antigos integrantes da Frente Negra Brasileira (FNB). A convenção foi um marco histórico na luta política que o povo negro vinha travando o longo do tempo; marco não pela diversidade política de seus participantes, mas por causa de sua resolução final e objetivo político.

A resolução final apresentou pontos consensuais entre seus participantes e foram apresentados ao povo negro e ao país por meio do documento “Manifesto a Nação” redigido em novembro de 1945. Neste documento, os participantes da convenção fizeram um balanço da real situação e condição política, social e cultural do povo negro. Assim os objetivos da convenção estavam vinculados ao contexto política daqueles anos, porque o governo autoritário de Getúlio Vargas anunciava o fim do regime e convocava as instituições políticas e o povo para a elaboração de uma nova constituição; era o início da redemocratização.

O documento Manifesto a Nação conclamou as lideranças negras, dos Estados representados na convenção, à unidade na ação política naquele contexto histórico e, nesta perspectiva, elaboraram em conjunto mais alguns pontos primordiais na luta antirracista. Além disso eles poderiam assegurar uma certa unidade e organicidade dos agrupamentos negros daquele momento. Unidade que se vislumbrou em pontos elementares que deveriam constar na nova carta constitucional que seria redigida no ano seguinte, em 1946. O documento propôs os seguintes pontos:

- “1- que se torne explícito na nossa constituição de nosso país a referência à origem étnica do povo brasileiro, constituído das três raças fundamentais: a indígena, a negra e a branca;
- 2- que torne matéria de lei, na forma de crime de lesa-pátria, o preconceito de cor e de raça;
- 3- que se torne matéria de lei penal o crime praticado nas bases do preceito acima, tanto nas empresas de caráter particular como nas sociedades civis e nas instituições de ordem pública e particular;
- 4- enquanto não for tornado gratuito o ensino em todos os graus, sejam admitidos brasileiros negros, como pensionistas do Estado, em todos os

estabelecimentos particulares e oficiais do ensino secundário e superior do país, inclusive nos estabelecimentos militares;
5- isenção de impostos e taxas, tanto federais como estaduais e municipais, a todos os brasileiros que desejarem se estabelecer com qualquer ramo comercial, industrial e agrícola, com o capital não superior a Cr\$ 20.000,00;
6- considerar como problema urgente a adoção de medidas governamentais visando a elevação do nível econômico, cultural e social dos brasileiros.”
(Manifesto a Nação, 1945, p. 1)

A convenção foi objetiva em sua resolução ao pontuar com maestria a valorização, no período pré-constitucional, dos agrupamentos étnicos dos quais surgiu o povo brasileiro; a criminalização do preconceito racial (racismo) em todas as instituições públicas ou privadas do país, além de exigir o ensino público gratuito para todos os brasileiros, independentemente das suas condições étnicas, sociais e econômicas. Se o momento era de reorganização das ideias e da ação política, não estava para os agentes políticos do povo negro a desunião.

Abdias Nascimento e o TEN trabalharam para realizar a primeira “Convenção Nacional do Negro Brasileiro”, pós FNB, e na elaboração de uma proposta capaz de intervir na conjuntura política pré-constituição que estava a emergir. Neste processo, foi realizado, no Rio de Janeiro, em maio de 1946, a 2ª Convenção Nacional do Negro Brasileiro, mas que no momento não estamos conseguindo encontrar sua resolução.

Em maio de 1949 Abdias Nascimento e o TEN realizaram o **quarto ato político** a “Conferência Nacional do Negro”. Essa iniciativa do TEN teve por objetivo a organização do 1º Congresso do Negro Brasileiro, que seria realizado no ano seguinte. A conferência procurou sistematizar as temáticas e discussões que estavam diretamente ligadas a realidade social do povo negro. O diagnóstico promovido pela conferência foi a referência sociológica para a organização e sistematização das temáticas a serem desenvolvidas no 1º Congresso do Negro Brasileiro, que foi realizado na cidade do Rio de Janeiro, em maio de 1950, levando em consideração as contribuições das delegações estaduais e regionais presentes no evento.

Neste sentido, a conferência buscou construir um olhar amplo sobre a realidade social do povo negro e por meio dele pensar a uma ação política que fosse conveniente à todos os segmentos que compunham a luta do povo negro. A formulação dessa ação política teria de ser desenvolvida no congresso do ano seguinte.

O **quinto ato político** de Abdias Nascimento por meio do TEN, na primeira metade do século XX, foi a realização do 1º Congresso do Negro Brasileiro entre os

meses de agosto e setembro de 1950. O evento não se propôs a discutir as concepções acadêmicas trabalhadas nos congressos afro-brasileiros que foram realizados em Pernambuco e na Bahia, mas ele se propôs a desenvolver novos caminhos para discutir “[...] os problemas práticos e atuais da vida de nossa gente” (Nascimento, 1950, p. 3). Essas questões foram objetos centrais das discussões que foram realizadas nas duas conferências nacionais do negro realizadas no ano anterior, em São Paulo e Rio de Janeiro, além de serem levantadas e apresentadas pelo próprio povo negro.

O evento se propôs a construir uma “[...] nova fase nos estudos nas relações de raça no Brasil” (Nascimento, 1968, p. 67). Agora, cabe a nós perguntarmos: por que “nova fase de estudos”? As anteriores não eram suficientes e não atendiam as expectativas do povo negro? No contexto cultural e político do 1º Congresso do Negro Brasileiro, o povo negro, por meio de seus filhos e intelectuais, encontrava-se em processo de superação da condição de objeto de estudos acadêmicos brancos e se ascendendo à condição de sujeito de sua própria história e caminhos.

Abdias Nascimento e o grupo de intelectuais que fizeram parte do TEN, de forma criativa, souberam construir um caminho cultural e político que fosse capaz de conduzir o povo negro à sua autonomia intelectual e propor intervenções profundas nas produções culturais. Esse processo de autonomia teve início dentro de um sistema político autoritário, que perseguia as instituições políticas. Neste contexto, os jovens intelectuais negros foram geniais em admitir a cultura como o caminho mais aprazível para desenvolver a sua luta antirracista no período.

Cabe-nos a questionar, agora, o porquê a cultura foi a estratégia mais adequada para se enfrentar o racismo estrutural do período? É Abdias Nascimento quem vai nos responder, dizendo:

[...] “os Brasileiros de cor, patrioticamente interessados no estudo dos métodos que os conduzam a sua integração definitiva na nacionalidade, através da ascensão social e econômica possibilitada pela educação e pela cultura, estão praticamente liderando a elaboração de um pensamento, precipitando e forçando a cristalização de uma política racial cujo conteúdo ideológico se encontra em nossa tradição, em nossos costumes que nunca permitiram ou endossaram a supremacia de um grupo étnico sobre os representantes de outras raças. [...]” (Nascimento; 1968, p. 67).

Nesta passagem do discurso de abertura do 1º Congresso do Negro Brasileiro, Abdias Nascimento nos revela o sentido originário da expressão “Quando a cor

escapa da coxia” (Nascimento, 2006, p.113). Observamos nesta passagem, o uso do termo “coxia”, o qual o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa classifica o verbete como um “substantivo feminino [...] nos teatros, espaço situado entre o palco e as paredes adjacentes a este, que não é visto pelo público e onde os atores aguardam a hora de entrar em cena e/ ou onde ficam aquele que realizam trabalhos de infraestrutura de palco (mais us. no pl.) bastidores” (Houaiss, 2001, p. 850).

O 1º Congresso do Negro Brasileiro veio confirmar a autonomia do povo negro e seus intelectuais, em relação aos estudos acadêmicos do período, para pensar e discutir as causas dos problemas cultural, social e econômico que conduzia o homem de cor ao seu flagelo e, a partir dessas reflexões propor uma política social que fosse capaz de inclui-los à cultura nacional. Com o evento a luta do povo negro deixou de ser objeto de manipulação dos acadêmicos brancos, passando ao domínio do intelectual negro e seu povo e, com ele vieram novas formulações sobre problema negro no Brasil.

O 1º Congresso do Negro Brasileiro pode ser reconhecido como um dos pontos mais elevados da luta antirracista no Brasil contemporâneo, porque foi um processo construído, organizado e liderado por intelectuais negros cuja intenção era colocar o povo negro na direção das discussões sobre os problemas culturais, sociais, políticos e econômicos que o mantinha a margem da vida social. Assim, o povo negro emancipava-se em relação aos acadêmicos brancos e passavam a produzir saberes a partir de suas próprias experiências e história. O povo negro estava a deixar a condição de objeto e a assumir o posto de sujeito e senhor das discussões políticas em torno de seus interesses.

Se o congresso foi marcado por uma intensa disputa entre os intelectuais negros e os acadêmicos brasileiros – na condição de colono cultural a tratar o povo negro como objeto para seus estudos, foi porque os antropólogos e sociólogos no período não aceitavam a autonomia intelectual do povo negro na condução das discussões sobre políticas públicas em torno das relações étnico-racial no Brasil.

O 1º Congresso do Negro Brasileiro, de agosto a setembro de 1950, veio a consolidar a luta cultural e intelectual que do povo negro brasileiro vem desenvolvendo ao longo dos séculos em defesa de sua história como brasileiro, sua dignidade, em defesa dos direitos civis e históricos no Brasil contemporâneo. Neste processo de estudos sobre a luta do povo negro não podemos trocar ou substituir o protagonismo dos negros brasileiros do passado pelas ideologias neo-colonizadoras do presente.

Entre os muitos protagonistas negros do passado Abdias Nascimento e seus atos, cultural e político, não podem cair no esquecimento popular e acadêmico.

CAPÍTULO 3

DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA E SEU DESENVOLVIMENTO

A sequência didática (SD) foi pensada como um instrumento pedagógico tendo como objetivo apresentar aos estudantes da 1ª série do Ensino Médio, o intelectual, dramaturgo e político, Abdias Nascimento e seus atos – cultural e político –, na dura luta antirracista na sociedade brasileira.

A SD foi elaborada com foco no estudo e análise de Abdias Nascimento a partir de uma visão mais panorâmica de seus trabalhos, dando visibilidade à situação cultural, econômica social na qual o povo negro foi colocado após a abolição da escravidão – e como isso ainda persiste na sociedade contemporânea. Esse estudo buscou apresentar o olhar do intelectual negro sobre o povo negro brasileiro e a partir dele construir caminhos que fossem capazes de conduzir o povo negro a sua emancipação.

Para tanto, segue abaixo a sequência didática descrita na íntegra:

3.1. Sequência didática: “Abdias Nascimento: uma vida em luta contra o racismo e pela valorização da identidade afro-brasileira”

INTRODUÇÃO

Nesta sequência didática nosso objetivo é o de apresentar a vida e a luta do intelectual e político brasileiro Abdias Nascimento contra o racismo e pela valorização da identidade afro-brasileira.

Neste processo de apresentação buscaremos analisar a criação do Teatro Experimental do Negro (TEN) como um instrumento de conscientização e intervenção psicossocial que Abdias Nascimento desenvolveu para educar o povo negro, instruí-lo sobre seus direitos, suas condições sociais, combatendo o racismo e valorizando a identidade afro-brasileira. Para isso vamos propor uma reflexão sobre os conceitos de *racismo e identidade cultural* com o intuito de analisar o quanto nossa sociedade está preparada para a admissão de uma cultura pluricultural ou multicultural.

OBJETIVOS

Ao final desta situação de aprendizagem, que será desenvolvida em 6 aulas, os discentes serão capazes de:

- Definir e discutir criticamente os conceitos de racismo e de identidade cultural;
- Conhecer diferentes instrumentos de manifestação cultural desenvolvidos pelo povo negro na defesa de sua dignidade humana e na luta por pertencimento a sociedade brasileira, em um recorte temporal;
- Examinar a ideia de discriminação e segregação social dentro de uma estrutura social multicultural, como a sociedade brasileira;
- Conhecer as contribuições de Abdias do Nascimento para este debate.

SENSIBILIZAÇÃO E SONDAGEM

Esta sensibilização tem como objetivo chamar a atenção dos discentes, por meio de uma roda conversa, para os conceitos de **racismo e identidade cultural**, como eles foram sentidos pelo povo negro ao longo do século XX, uma vez que tais conceitos ocupam o centro da presente proposta de aprendizagem.

Para dar início a aula o professor pode fazer algumas perguntas para a turma, como:

- ***O que vocês entendem por racismo?***
- ***O que vocês entendem por identidade cultural?***
- ***Conhecer e entender esses conceitos podem nos ajudar a resolver alguns problemas sociais iminentes das relações étnico-raciais da sociedade brasileira da contemporaneidade?***

Registre as respostas dos estudantes na lousa, formando uma espécie de chuva de ideias das palavras/conceitos.

PRIMEIRO MOMENTO – RACISMO E IDENTIDADE CULTURAL: DEFINIÇÕES E SIGNIFICADOS

A partir das respostas dadas pelos estudantes, o professor passará a apresentar a origem e o significado contemporâneo dos conceitos de racismo e identidade cultural para, posteriormente, apresentar a vida e a luta de Abdias Nascimento contra o racismo e pela valorização da cultura afro-brasileira.

A palavra **racismo** surgiu na contemporaneidade e adquiriu consistência política e ideológica a partir das primeiras décadas do século XX. Neste contexto o

racismo se constituiu como uma ideologia que buscava produzir uma separação na espécie do homo sapiens.

O processo de separação da espécie foi introduzido pelos povos europeus cujo objetivo era se distanciar dos outros povos dos continentes Americano, Africano e Asiático, ao mesmo tempo em que buscavam construir uma ideia de superioridade em relação a esses povos. Assim todos os povos que não apresentassem as características fenotípicas do europeu foram degradados, discriminados e marginalizados.

Esses conceitos chegaram no Brasil com muita força, principalmente nas décadas que antecederam a abolição da escravatura e a introdução do trabalho assalariado. Neste contexto de análise, o professor pode apresentar a etimologia da palavra e o sentido que ela traz, propondo uma compreensão contextualizada do racismo na sociedade brasileira:

RACISMO s.m. (sXX cf. AGC) **1** conjunto de teorias e crenças que estabelecem uma hierarquia entre as raças, entre as etnias **2** doutrina ou sistema político fundado sobre o direito de uma raça (considerada pura e superior) de dominar outras **3** preconceito extremado contra indivíduos pertencentes a uma raça ou etnia diferente, ger. Considerada inferior **4**. Atitude de hostilidade em relação a determinada categoria de pessoas <r. xenófobo> ETIM 'raça + -ismo; ver rat. (Houaiss, 2001, p. 2373)

O professor pode aproveitar a oportunidade para comentar que o racismo foi uma doutrina e um sistema político construído pelos povos europeus, cujo objetivo era conquistar e dominar outros territórios e povos, para explorar seus recursos naturais e minerais, por meio da escravização da força de trabalho dos povos subjugados. Além disso, desenvolveu, entre os povos originários de África, América e Ásia, a ideia de que os povos ario-europeus eram civilizados e os povos originários desses continentes “não” eram civilizados e por isso carecia de civilidade.

No Brasil essa relação entre civilizados e não civilizados foi causa de muita luta e morte. Este choque levou a extinção de muitos povos originários e a redução a números insignificantes de outros; além disso promoveu a alienação, quase que total, do povo negro por meio do processo de acultramento (meio de impor a tradição cultural europeia aos povos colonizados).

Desde o século XVI, homens negros e mulheres negras promoveram, ao longo do tempo, formas de luta e de resistência à essa ideologia de dominação. Assim surgiram Agualtune (séculos XVI e XVII) e os quilombos ao longo do período colonial. A partir desse referencial histórico, o quilombo e sua rainha guerreira se transformaram em símbolos e mitos na luta por liberdade e negação ao processo de imposição da cultura ario-europeia.

Neste processo de resistência e luta contra o racismo e pela valorização da identidade cultural africana, séculos depois, vamos encontrar as contribuições de Abdias Nascimento e entre elas vamos destacar a criação do Teatro Experimental do Negro (TEN) como um instrumento de organização, conscientização e de intervenção social em prol dos direitos do povo negro.

Neste momento o professor deve apresentar para seus alunos uma definição e o significado do conceito de identidade cultural.

IDENTIDADE CULTURAL

“Identidade cultural se refere à identificação com, ou ao sentido de se pertencer a um grupo específico baseado em várias categorias culturais, inclusive nacionalidade, etnicidade, raça, gênero e religião. A identidade cultural é construída e mantida pelo processo de compartilhamento de conhecimento coletivo, como tradições, herança cultural, linguagem, estética, normas e costumes. Assim como as pessoas tipicamente se afiliam a mais de um grupo cultural, a identidade cultural é complexa e multi-facetada. Embora outrora pesquisadores presumiram que a identificação com grupos culturais era óbvia e estável, hoje ela é percebida como contextual e dependente das mudanças temporais e espaciais. No mundo globalizado, com encontros interculturais aumentando, a identidade cultural é sempre estabelecida, negociada, conservada e desafiada pelas práticas comunicativas”. (Hsueh-Hua Chen, 2017, p. 1)

A definição proposta pela professora Vivian Hsueh-Hua Chen da *Nanyang Technological University*, de Cingapura, nos leva ao encontro da ideia de pertencimento, de estar e conviver harmonicamente com um determinado grupo de pessoas, etnia ou povo. A ideia de pertencer é processo construtivo que envolve a socialização de memórias ancestrais que qualificam os sujeitos. Assim pressupõem

que eles devem possuir tradições culturais que foram desenvolvidas ao longo dos séculos ou milênios.

A colonização europeia impôs aos territórios e aos povos colonizados o seu modo de pensar e de ser. Assim a tradição cultural europeia passou a orientar as relações entre os povos nas regiões ocupadas. Com a padronização da cultura colonial desenvolveu os preconceitos linguístico, religioso e alimentar, entre outros tipos de discriminações e de marginalização das pessoas.

O racismo surgiu como consequência do eurocentrismo cultural, cujo objetivo era, ou é, apagar ou eliminar da memória dos povos originários e das pessoas, em particular, as suas tradições culturais e seus referenciais históricos.

Durante o período escravagista no Brasil houve a imposição da cultura europeia aos povos originários e aos negros em situação de escravidão; meio com o qual as culturas europeias introduziram seus valores e a sua concepção de mundo. Por meio dessa dominação cultural, o racismo eurocêntrico procurou e procura destruir o que há de sagrado e belo nos outros povos; ao mesmo tempo em que transfere, para eles, as suas incoerências e imperfeições.

O povo negro – a partir das experiências, da observação, da leitura, da análise detalhada sobre as pretensões culturais da sociedade brasileira, em relação as tradições culturais de matriz africana e a sua forma de estar e ser – promoveu muitas revoltas e lutas ao longo da história brasileira contra a europeização da cultura nacional.

Abdias Nascimento seguiu neste trajeto de lutas e combates, e para qualificar a sua contribuição criou e organizou o Teatro Experimental do Negro (TEN), cujo a intenção era expor, denunciar e propor caminhos para retirar o povo negro do “lodo social”, no qual o racismo o havia colocado. Assim por meio da atividade cultural Abdias Nascimento buscava, também, resgatar na memória do povo negro a necessidade de combater o racismo e de valorização das tradições culturais de matriz africana.

Neste sentido o professor pode organizar uma roda de conversa e dirigir as seguintes questões para seus alunos:

- **Para vocês, qual é o significado do termo identidade cultural?**
- **A partir da sua leitura e análise, a identidade cultural possui compatibilidade com o racismo? Por quê?**

- **Você pensa que a sociedade brasileira é racista? Explique a sua resposta.**
- **A partir dos estudos e das análises conceituais, responda: o que é o racismo?**

A partir das respostas dos alunos, o professor pode ir construindo, na lousa, um mapa conceitual, e depois, sistematizar apresentando os conceitos. Também pode exibir um pequeno vídeo ou trecho de filme que aborde as questões trabalhadas e vai sistematizando os conceitos discutidos.

Depois desse processo de sistematização o docente pode propor uma pesquisa em grupo sobre a produção intelectual e política de Abdias Nascimento. Além de orientar os discentes para que tenham atenção sobre a cronologia da luta e da obra de Abdias Nascimento. Na pesquisa pode constar a organização e participação em congressos nacionais e internacionais sobre cultura de matriz africana; as premiações e condecorações promovidas por instituições nacionais e internacionais; produção intelectual e artística; atuação no congresso nacional como deputado federal e senador entre outras. Neste momento o professor deve sugerir e apresentar o site do IPEAFRO, instituição que foi criada e organizada por Abdias Nascimento, após seu período no exílio. Além dessa pesquisa o professor pode propor uma outra sobre a participação de artista negro no teatro brasileiro.

Após a pesquisa os grupos podem apresentar suas conclusões aos demais colegas focando a área de interesse na qual trabalharam ou estudaram; neste momento o professor deve ordenar as exposições e apontar a relação entre as temáticas estudadas e o projeto cultural e político de Abdias Nascimento. A partir dos estudos dos alunos o professor deve apresentar o intelectual Abdias Nascimento.

Fechado as discussões de apresentação e interação o professor pode retomar as atividades propondo aos discentes algumas questões sobre o teatro:

- **Vocês já foram alguma vez ao teatro?**
- **Qual era o nome da peça teatral que você assistiu?**
- **O teatro pode contribuir para o desenvolvimento intelectual e político das pessoas?**
- **O teatro pode fazer parte das atividades educacionais de uma sociedade?**
- **O teatro possui alguma função social?**

Para dar sequência as atividades o docente pode apresentar à classe as ideias de Abdias Nascimento sobre o teatro.

Na concepção teatral de Abdias Nascimento o teatro é um instrumento de conscientização e de intervenção social. Assim, o intelectual e artista propôs que o Teatro Experimental do Negro (TEN) deveria assumir um caráter político/social em suas ações. Para isso, o TEN teria de mobilizar, organizar, educar e orientar o povo negro sobre suas reais condições de vida e conduzi-lo a luta política em prol de seus direitos. O Teatro Experimental do Negro (TEN) surgiu com essas expectativas dentro de um contexto político autoritário.

Quando o Teatro Experimental do Negro (TEN) apareceu na cena cultural brasileira, em 13 de outubro de 1944, na cidade do Rio de Janeiro; anterior a esse fato, Abdias Nascimento havia saído da prisão a poucos meses e percorrido a cidade de São Paulo em busca de apoio, entre os intelectuais paulista, inclusive fez uma conversa com Mario de Andrade, sobre a criação do teatro, que não foi nada simpático à ideia.

Na análise de Abdias Nascimento [...] “O TEN nunca foi só um grupo de teatro – era uma verdadeira frente de luta” (Nascimento, 2006, p. 128). Essa luta da qual ele se refere é a luta histórica que o povo negro trava cotidianamente em prol do direito a educação, ao trabalho e salário digno, a defesa de sua dignidade humana de sua cultura de matriz africana e principalmente contra o racismo.

Após essa contextualização conceitual e histórica, o professor pode trazer à discussão a condição social e intelectual do povo negro na capital do país na década de 1940. Para isso o professor pode propor a leitura de uma pequena passagem do livro “Teatro Experimental do Negro: testemunhos”, de Abdias Nascimento, que foi publicado em 1966, pela Edições G. R. D, expondo o contexto cultural do povo negro no período.

“O Teatro Experimental do Negro não é, apesar do nome, apenas uma entidade de objetivos artísticos. A necessidade da fundação deste movimento foi inspirada pelo imperativo de organização social da gente de cor, tendo em vista a elevação de seu nível cultural e seus valores individuais. Entretanto, o espírito associativo é atributo da massa esclarecida e de elevado padrão cultural. Daí ser quase impossível, como se pode depreender da observação da vida humana, associar homens e mulheres em função, apenas, de objetivos sociais”. (Nascimento, 1966, p. 78)

Segundo a descrição de Abdias Nascimento o TEN surgiu na cena cultural brasileira com dois objetivos específicos. O primeiro podemos notar que era político e o segundo sociocultural. O primeiro nos remete a ideia de organização do povo negro em torno de suas necessidades culturais e de seus referenciais enquanto sujeito histórico. O segundo o coloca nos trilhos da política, porque a ideia de associação nos leva ao reconhecimento de adversários com os quais o povo negro tinha de enfrentar; entre eles podemos destacar o racismo, a segregação social e o processo de marginalização do povo negro. A partir destes elementos acentuava o analfabetismo, a pobreza, a miséria, a fome e a marginalização do povo negro.

Neste momento o professor deve provocar os discentes sobre qual seria a saída para a dificuldade a ser enfrentada. A partir da definição e exposição desses objetivos, segue uma divisão da turma em três grupos para debater e propor saídas para os problemas:

- ***Para o Abdias Nascimento, a criação do Teatro Experimental do Negro (TEN) foi um ato de artistas que buscavam o reconhecimento artístico ou uma ação política de conscientização e de intervenção social?***
- ***Segundo Abdias Nascimento, os desafios a serem enfrentados pelo TEN eram muitos, principalmente o analfabetismo que caracterizavam o povo negro, se você estivesse no lugar do Abdias Nascimento, o que faria?***
- ***Então, depois de tudo que já pesquisamos e discutimos sobre o TEN, vocês podem responder a questão: estudar e desenvolver as práticas teatrais nas escolas podem contribuir para a evolução sociocultural dos discentes? Explique a resposta.***

As respostas dadas pela turma, podem ser anotadas na lousa ou em uma folha, de modo a permitir consultas futuras e sistematizar os conceitos analisados. Nesse momento, o professor pode encaminhar a discussão para o 2º momento desta SD.

SEGUNDO MOMENTO – ALGUNS CAMINHOS PERCORRIDOS PELO TEN NO COMBATE AO RACISMO E NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA
--

Para essa etapa da aprendizagem vamos propor um estudo sobre os principais eventos culturais e políticos relacionados às necessidades objetivas do povo negro, como educação, defesa dos direitos civis, educação profissionalizante entre outras que foram desenvolvidas e mantidas pelo Teatro Experimental de Negro (TEN). Eles surgiram com o intuito de defender a presença e a integração do povo negro na vida social, cultural e política do Brasil contemporâneo.

O objetivo desse estudo será para demonstrar a forte presença e atuação do TEN na cena cultural brasileira e por meio dela a organização e a exposição da estética do povo negro. Para tanto, o professor pode iniciar a aula retomando a discussão do momento anterior:

- ***Afinal, o que é o racismo?***
- ***Como nós, brasileiros, podemos perceber os efeitos do racismo em nossa vida social?***

Diante das respostas e das intervenções dos alunos, a discussão pode ser direcionada ou encaminhada para o aumento da participação do povo negro nos meios de comunicação de massa. Nos programas de entretenimento, nas novelas, telejornais das principais emissoras de tv, nos meios publicitários das principais instituições financeiras e comerciais houve um aumento muito forte participação do povo negro. Nos espaços educacionais ou na área da educação, a presença do povo negro vem se fortalecendo ano após ano, permitindo o surgimento de uma nova perspectiva social em torno das relações étnico racial no país.

Mas para que possamos compreender minimamente essa nova realidade, precisamos voltar o pensamento e a nossa atenção para o momento histórico/cultural no qual surge o TEN, buscando reconhecer os motivos e os objetivos de suas produções em prol da visibilidade do povo negro no período.

Nesse contexto, o professor pode desenvolver uma aula mais dialógica, contemplando os eventos culturais organizados pelo TEN que buscaram expor e apresentar da estética negra para o grande público num contexto de profundas transformações culturais e políticas. Neste momento é importante destacar as

manifestações culturais brasileiras de caráter regionalista e junto com elas as urbanas marginalizadas, propondo a leitura do excerto abaixo:

[...]

”Reconhecemos no início de nosso empreendimento a necessidade de apelar para uma tática sociológica, ou seja, para um tipo de ação não idealística e tão pouco ideológica, mas sensível e ajustada à configuração psico-social, cuja transformação almejávamos. Com efeito, se estudarmos as associações dos homens de cor neste país, colheremos a lição de que a maioria delas têm fracassado precisamente por carecerem daquilo que podemos chamar de atitude sociológica. Ora nasciam da revolta e organizavam-se somente para lutar – de modo direto e indireto – contra a injustiça e a discriminação de cor, agravando, assim, o processo de solução do problema de uma grande parte da população brasileira: ora inspiravam-se em intuítos políticos – algumas vezes legítimos a maioria das vezes inconfessáveis - nesse caso, serviam quase sempre a interesses pessoais. De um modo ou de outro, a vida de tais associações era efêmera ou, quando não, de vida atuante precária, delas resultando quase nada de positivo, a não ser um diversionismo inconsequente.

Qual a razão disso? Por que motivo extinguiram-se, ou permanecem carecendo de importância, sem nenhum resultado em seus trabalhos tantas sociedades de objetivos tão nobres e acertados, muitas até dirigidas por homens capazes? Parece-nos, e tudo o confirma, que o motivo estava e está em que os fins dessas associações, embora fossem algumas vezes corretamente identificados, os meios de ação eleitos para atingi-los foram desadequados.

É esse um fenômeno muito comum na vida do grupo e do indivíduo. Identificados os objetivos, é necessário assegurar a eficácia dos meios para que o bom êxito seja obtido. Donde se conclui que os responsáveis por essas sociedades tiveram, em muitos casos, habilidade para a compreensão e uma inabilidade para a ação.

Há, portanto, em todo movimento social, a ordem dos meios e a ordem dos fins, ambas inter-relacionadas.

Teatro Experimental do Negro pertence a ordem dos meios. Ele é um campo de polarização psicológica, onde se está formando o núcleo de um movimento social de vasta proporções. A massa dos homens de cor, de nível cultural e educacional normalmente baixo, jamais se organizou por efeito de programas abstratos. A gente negra sempre se organizou objetivamente, entretanto, sob o efeito de apelos

religiosos ou interesses recreativos. Os terreiros e as escolas de samba são instituições negras de grande vitalidade e de raízes profundas, dir-se-ia, em virtude de sua teluricidade. O que devemos colher dessa verificação é que só poderemos reunir o povo de cor mediante a manipulação das sobrevivências paideumáticas subsistente na sociedade brasileira e que se prendem às matrizes culturais africanas. A mentalidade da nossa população de cor é ainda pré-letrada e pré-lógica. As técnicas sociais letradas, ou lógicas, os conceitos, as ideias, mal a atingem. A igreja católica compreendeu isso e o sucesso das missões da época colonial vem daí.

Não é com elucubrações de gabinete que atingiremos e organizaremos essa massa, mas capitando e sublimando a sua profunda vivência ingênua, o que exige a aliança de uma certa intuição morfológica com o senso sociológico. Com essas palavras desejo assinalar que o Teatro Experimental do Negro não é nenhuma sociedade política, nem simplesmente uma sociedade artística, mas um experimento psico-sociológico, tendo em vista adestrar gradativamente a gente negra nos estilos de classe de comportamento da média e superior da sociedade brasileira”.

Isso tem sido o TEN. Desde sua fundação em 1944, criou aulas de alfabetização e de iniciação cultural, com a colaboração de ilustre intelectuais, como os professores Rex Crawford, então adido cultural da Embaixada Americana; José Carlos Lisboa, da Universidade do Brasil; Santa Rosa, Willi Keller, escritores Raimundo Souza Dantas, Guerreiros Ramos, José Francisco Coelho, Yeda Leite, Ironildes Rodrigues e muitas outras personalidades. Montamos três peças de Eugene O’Neill, auspiciada pelo próprio autor – “Imperador Jones”, “Todos os Filhos de Deus Têm Asas” e “Moleque Sonhador”; uma de Ledo Cardoso – “O Filho Pródigo”; dois recitais de poesias de Castro Alves e Cruz e Souza: lançamos os novos atores – Joaquim Ribeiro com “Aruanda” e José de Moras Pinho com “filhos de Santo”, as quais acrescidas de “Auto da Noiva” de R. Fusco, iniciam a criação de um teatro, por assim dizer, regional brasileiro, assentado nas reminiscências míticas e no impulso mítico dos negros. Neste ano, o TEN, se prepara para intervir nas comemorações do 2º centenário do artista ariano Goethe, representando uma de suas peças. Em estudo encontram-se “Calígula”, Albert Camus. “Mulato” de Langston Hugbes e “Dom Perlimplin e Belisa” de Garcia Lorca. Temos conseguido tudo sem agressividade. Por exemplo: levar domésticas e operários humildes para o palco do teatro de maior responsabilidade do Brasil: o municipal; reunir em nossas festas e atos sociais diplomatas de várias embaixadas, a melhor sociedade do Rio. Todas essas têm sido ocasiões

estimuladoras do desenvolvimento da personalidade engajadas pelo TEN a negros e mulatos. E, ainda com absoluto sucesso, promovemos sociais das riquezas eugênicas da mulata e da negra através de concursos anuais da “Rainha das Mulatas e da Boneca do Pixe”, realizando, assim, um programa de formação do gosto estético popular e de exaltação dos valores genuínos da civilização brasileira.

Tal é a fisionomia do TEN. A conferência Nacional do Negro se integra nesse programa como instrumento de decifração do negro brasileiro. Com efeito, a população de cor, em virtude de seu baixo nível cultural, não tem a preparação necessária para definir os seus próprios problemas. Precisamos ouvir os estudiosos, consultar os entendidos e ouvir os próprios negros. É com esse fim que nos reunimos nesta semana, numa homenagem aos que lutaram pela libertação dos escravos e nos deram o 13 de maio, como nos reunimos em setembro de 1950, no I Congresso do Negro Brasileiro, comemorando o centenário da extinção do tráfico escravista.”

[...]

NASCIMENTO, Abdias. *Espírito e fisionomia do Teatro Experimental do Negro*. In: **NASCIMENTO**, Abdias. *Teatro experimental do Negro: testemunhos*. Rio de Janeiro; Edições GRD, 1966, p. 78 – 81.

O que importa nesta fase do estudo é analisar o caráter revisor do texto sobre as instituições negras que existiram anterior a fundação do Teatro Experimental do Negro (TEN), da condição sociocultural do povo negro nas primeiras décadas do século XX e a proposta de organização que o TEN apresentou ao afro-brasileiro se organizar.

Para finalizar essa passagem, apresentaremos algumas questões que possam auxiliar a sintetizar o diagnóstico e o prognóstico proposto por Abdias Nascimento ao organizar o povo negro a partir da arte dramática.

- 1) **De acordo com o texto, comente a expressão “A mentalidade da nossa população de cor é ainda pré-letrada e pré-lógica. As técnicas sociais letradas, ou lógicas, os conceitos, as ideias, mal a atingem. A igreja católica compreendeu isso e o sucesso das missões da época colonial vem daí”.**
- 2) **Por que Abdias Nascimento definiu o Teatro Experimental do Negro (TEN) como “um experimento psico-sociológico”?**

Outras questões de interpretação, síntese e argumentação podem ser desenvolvidas de acordo com as circunstâncias imanentes da leitura compartilhada, das análises e reflexões que os discentes podem apresentar.

Dando continuidade ao estudo vamos entrar na análise dos primeiros caminhos percorridos por Abdias Nascimento. Iniciaremos pelo seu ato de coragem, buscando observar as etapas que ele desencadeou na vida do jovem Abdias até o seu despertar à arte dramática. Neste momento podemos questionar os discentes sobre a importância do teatro na educação pessoal e coletiva sobre o drama da vida. Além de discutir o teatro como uma instituição cultural que pode ser entendida como um espaço de educação e conscientização popular. Nessa direção podemos pedir para os discentes analisar as seguintes situações:

- 1) Pancrácio quer ir ao teatro. Para isso resolveu convidar alguns amigos. Ao reunir o grupo de amigos vai para o teatro assistir à peça “Sortilégio de Abdias Nascimento”.**
- 2) Após a exibição da peça o grupo de amigos decidiram sentar-se em uma lanchonete para discutir o conteúdo da peça, a encenação, as falas dos artistas, o cenário, o estilo das músicas, enfim um verdadeiro debate sobre o drama que “o homem negro e suas tradições culturais de matriz africana” vivencia cotidianamente na sociedade brasileira.**

Os discentes podem não perceber o caráter associativo e de ajuntamento que o teatro nessas situações, além do despertar intelectual que ele suscita nas pessoas. No primeiro caso, o objetivo era se reunir com os amigos e desfrutar de uma atividade cultural em que todos sentissem satisfeitos com a trama da peça; no segundo, o objetivo é o despertar dos jovens para o drama que o povo negro e suas tradições culturais vivenciam no país.

Após o processo de apresentações e reflexão sobre o TEN e seus objetivos buscaremos estimular e auxiliar os discentes a estudar peças teatrais analisar as temáticas abordadas por elas, frequentar teatro e assistir intervenções dramáticas como a fragmento da peça “Sortilégio” de Abdias Nascimento exibida pelo canal do YOUTUBE, no link: [Leitura Dramática "Sortilégio - Mistério Negro" de Abdias do Nascimento \(youtube.com\)](#).

Em seguida será apresentada uma proposta de organização e criação de um grupo de teatro negro na escola para trabalhar as peças teatrais escritas por dramaturgos negros.

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Como forma de avaliação das aprendizagens dessa Sequência Didática, vamos organizar a turma numa roda de conversa e analisar de forma oral os avanços e retrocessos que ela pode suscitar entre os discentes da escola sobre debate em torno do racismo e a discriminação social entre eles nas escolas.

3.2. Ensaio sobre o desenvolvimento da sequência didática: reflexões de um professor

Considerando que esta parte de análise do desenvolvimento da sequência didática tem como objetivo desvelar momentos e acontecimentos importantes de sua execução, tomo a liberdade de escrever em primeira pessoa do singular, haja vista que o processo reflexivo docente ao qual me submeto neste momento é único e autoral, mobilizando forças, desestabilizando certezas e me colocando em constante movimento de pensar a prática – a práxis, tanto como professor quanto como pesquisador.

Uma espécie de ensaio, um “[...] exercício de livre escrita com estruturação de narrativa flexível e humanizada” (Maia et al, 2016, p. 2), uma estratégia de compreensão da realidade vivida junto aos estudantes do 1º ano do Ensino Médio, amparada na observação aguçada dos acontecimentos em aula, argumentativa e reflexiva do meu percurso enquanto educador no processo de descrição da temática em estudo – e, por isso mesmo, posicionando-me politicamente e ideologicamente na problematização e interpretação desta dissertação.

A SD foi dividida em três momentos. A **primeira parte** tinha por objetivo colher informações sobre o conhecimento que os discentes poderiam ter dos conceitos de racismo, identidade cultural e se eles acreditavam que seria importante conhecer esses conceitos ou ideias. Para aferir essas questões propus as seguintes questões norteadoras:

O que vocês entendem por racismo?

O que vocês entendem por identidade cultural?

Conhecer e entender esses conceitos podem nos ajudar a resolver alguns problemas sociais imanentes das relações étnico-raciais da sociedade brasileira da contemporaneidade?

A partir desses questionamentos observei que os/as discentes chegam no Ensino Médio com baixo nível de conhecimento sobre os vocabulários e com muitas dificuldades em fazer uso do léxico. Neste momento me vi obrigado a fazer esta correção para darmos continuidade ao trabalho. Assim, demonstrei como o dicionário pode ser uma ferramenta importante para se iniciar nos estudos conceituais, indicando o uso do dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa como forma de iniciação nos estudos, trabalhando os conceitos da forma mais simples possível.

Neste contexto fui levado a adaptar determinadas partes do trabalho inicialmente planejado. As questões que propus acima pouco foram desenvolvidas, porque tive, primeiro, que retomar aprendizagens do ciclo Fundamental II, entre elas priorizando o uso e o manuseio do dicionário da Língua Portuguesa.

Desta forma, optei por fazer a correção da defasagem que os/as discentes apresentaram, pensando que é mais adequado fazer a recomposição da aprendizagem a promover um trabalho, num curto espaço de tempo, incompreensível para os alunos, o que poderia findar para aprofundar ainda mais as questões sociais existentes, pois inerte de significado para eles.

Neste sentido, dei prioridade ao léxico como porta de entrada para as discussões e ao debate, e em seguida participamos de uma palestra sobre o tema, com a presença da Prof.^a Dr.^a Maria Valéria Barbosa – UNESP Campus Marília.

A palestra foi dirigida aos estudantes do 1º ano do Ensino Médio, tendo como foco dialogar a partir dos conceitos de raça, racismo, preconceito, discriminação, mestiçagem e o mito da democracia racial, abordando as características do racismo na estrutura da sociedade brasileira e, infelizmente, sua conseqüente naturalização. Racismo estrutural, racismo institucional, branquitude e antirracismo também foram temas trazidos à baila no campo das discussões e análises.

Tendo como ponto de partida o material apresentado na palestra, levei a leitura e as discussões para um campo mais aprofundado dos estudos, investindo para além da definição do dicionário e nos aproximando de análises mais argumentativas. Do material, extraímos o conceito de “raça” e a partir dessa proposta de definição foram

surgindo novas curiosidades e questionamentos, como: “*professor ‘como assim da ciência a ideologia?’*” ou ainda “*professor, o que são taxonomias raciais?’*” Questões essas que me colocaram ‘contra a parede’, ou seja, me incitaram a refletir sobre o que fazer frente a essas situações: tenho o dever de esclarecer suas dúvidas ou ignorá-las e seguir com a proposta programática?

Nesse sentido optei por fazer novos estudos do léxico. Foi como se a minha aula estivesse sendo trabalhada num 6º ou 7º anos do Ensino Fundamental, porque era como se alguns alunos estivessem fazendo a pesquisa com o dicionário pela primeira vez. Destaco que os discentes foram questionados se poderia fazer uma filmagem das aulas e das cenas que eles criavam, e a resposta foi “não”; quando questionados sobre a presença das câmeras em sala de aulas, eles as aceitam por causa da segurança do material escolar, evitando roubos.

Os estudantes, durante as aulas, apresentavam os verbetes para os amigos de grupos, faziam comentários, riam com as descobertas. Eu tinha consciência que o nosso conteúdo estava sendo prejudicado, mas permiti o acontecimento. O importante disso foi que, além do conceito de raça, os discentes interagiram com outros conceitos importantes para a formação deles ao mesmo tempo em que perceberam que existem várias formas políticas de exploração do conceito de raça.

Neste momento o racismo aflorou nas discussões como uma vantagem política que a cultura áreo-europeia desenvolveu para assegurar benefícios e privilégios para seus descendentes nas regiões colonizadas. Neste contexto e sentido, as questões propostas foram perdendo seu efeito e propósito inicialmente delineados. Ao permitir o deslocamento de aulas expositivas, retóricas de orientação para aulas mais dinâmicas e dialógicas, com as quais explorei a curiosidade e a criatividade dos/as discentes, percebi que os estudantes que foram se apropriando, por eles mesmo, do sentido cultural e político do conceito de raça e seus desdobramentos.

Adotei este procedimento metodológico durante a aplicação da sequência didática que teve três encontros, organizados em aulas duplas, desenvolvidas ao longo do mês de novembro. A partir dessa primeira experiência passamos a trabalhar com o léxico e com ele os conceitos elementares da proposta de trabalho e do material disponibilizado pela Prof.^a Dr.^a Maria Valéria Barbosa.

A **segunda parte** lidou com a questão da definição do conceito de racismo e de identidade cultural. Para apresentar e discutir o conceito de racismo adotamos os

slides disponibilizados durante a palestra e o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

O conceito de identidade cultural foi apresentado e discutido a partir do artigo da prof^a Vivian Hsueh-Hua Chen da *Nanyang Technological University*, de Cingapura. Optamos por essa definição – e não a de Stuart Hall ou Kabengele Munanga –, porque nos propomos a demonstrar que essa é uma questão pétreia entre os povos que sofreram com o neocolonialismo.

A partir da leitura dos materiais e das discussões os discentes foram incentivados, em roda de conversa, a refletir sobre o tema e a responder verbalmente as questões propostas, fazendo com que as passassem a ser interativas e dialógicas:

Para vocês, qual é o significado do termo identidade cultural?

A partir da sua leitura e análise, a identidade cultural possui compatibilidade com o racismo? Por quê?

Você pensa que a sociedade brasileira é racista? Explique melhor a sua resposta.

A partir dos estudos e das análises conceituais, responda: o que é o racismo?

Verificamos que ao apresentar essas questões, os discentes, mesmo tendo ao seu alcance algumas definições importantes e significativas, como as disponibilizadas anteriormente, possuem dificuldade e se recusam discutir o tema em profundidade.

No Programa Ensino Integral os estudantes são levados a construir grupos de relacionamentos permanentes nos quais conversam sobre tudo. Quando esses grupos vão para dentro da sala de aula podemos sentir, enquanto professor, as consequências de algumas possíveis conversas. Muitas atitudes, manifestas em classe, percebemos que foram planejadas com antecedência pelos grupos de alunos, com o intuito de boicotar as discussões sobre a temática proposta.

Quando o tema racismo surge em classe, muitos discentes ficam incomodados, porque não se propõem a romper com a lógica do grupo de amigos. Expor ideias ou pensamentos, individualmente, sobre o racismo e as relações étnico-raciais em sala de aula pode constranger o grupo e seus membros, por isso os estudantes são muito cautelosos e resistentes a discutir o tema.

Ambiente escolar e sala de aula são espaços distintos, porque as conversas do ambiente escolar são mitigadas em sala de aula pelos grupos. No ambiente escolar –

corredores, pátio, refeitório, quadra, biblioteca e outros – as falas, os gestos, e insinuações discriminatórias e racistas fazem parte da lógica dos grupos de amigos, porque não há possibilidade de monitoramento e orientação; mas em sala de aula, o ambiente muda e por causa dessa mudança a lógica dos grupos é forçada a se reestruturar e com isso os grupos passam a ser vigilantes com os seus membros.

Assim, as práticas preconceituosas, segregacionistas e racistas são veladas no ambiente sala de aula e por isso são mais sutis. Assim, quando algum membro do grupo ousa romper com sua lógica interna, os demais membros passam a sufocá-lo por meio de falas altas, sátiras, ironias ou outras formas de constrangimentos admitidos pelos grupos.

Situações como essa ocorrem com frequência nas salas de aula, principalmente quando os estudantes não se sentem confortáveis para discutir o tema; porque o tema pode levar o grupo a revelar sua identidade íntima. O ambiente sala de aula está se transformando num espaço de constrangimentos, no qual vivenciamos uma tensão velada em torno das relações étnico-raciais, da religiosidade e perseguição intelectual e moral que, volta e meia, estão a explodir nas escolas.

A recusa em não participar e não desenvolver o que foi proposto, vem num sentido de autopreservação e permanência ao grupo de alunos com os quais se identificam, e com eles construir formas de ações coletivas em sala de aula. Todo trabalho planejado, independentemente de temática, é passível de boicote, porque depende do clima dos grupos naquele dia específico, naquele momento da aula. Assim, a recusa em não participar da proposta e não responder as atividades propostas passa por uma ação de conjunto.

Porém, mesmo com todas essas dificuldades demos continuidade com nossa programação e planejamento, passando a destacar as formas de resistência que foram construídas pelo afro-brasileiro ao longo dos séculos XIX e XX. Entre as muitas formas de luta destacamos e propomos um estudo sobre a cultura na década de 1940, priorizando o teatro; porque no final dos anos 30 o governo de Getúlio Vargas publicou o Decreto Lei nº 92/1937, o qual versava sobre a importância de atualizar o teatro brasileiro enquanto parte da estruturação da cultura e do espírito nacional.

Neste contexto cultural passamos à apresentação do Abdias Nascimento e do seu trabalho na dramaturgia brasileira. Damos ênfase ao contexto sociocultural do período e destacamos as formas de discriminação e racismo com as quais o teatro da época tratava o ator, a atriz e o povo afro-brasileiro na dramaturgia nacional. No

processo de análise do teatro brasileiro demos ênfase a proposta de criação do Teatro Experimental do Negro (TEN) assim como a concepção de teatro de Abdias Nascimento.

A partir dessa exposição questionamos os discentes sobre a importância do teatro para a educação das pessoas e se eles frequentavam teatro ou se gostavam de teatro. Para nossa surpresa nenhum aluno/aluna da turma conhecia teatro ou tinha assistido alguma peça no teatro, a não ser as experiências nas escolas de ensino infantil e na atual escola. Assim as questões que apresentamos nesta parte ficaram prejudicadas e não foram amplamente desenvolvidas como havíamos planejado.

Com base nesta informação orientamos os/as estudantes a fazerem uma visita virtual ao site do APEAFRO, ao MAN – Museu de Arte Negra, entre outras instituições que contaram com o pensamento e o trabalho de Abdias Nascimento. Essas contribuições estão registradas nos históricos dessas instituições e estavam disponíveis para o público visitar, via internet, por isso as/os discentes poderiam visitar *online* e conhecer as muitas lutas intelectuais desse grande combatente. Neste momento pedimos para os alunos desenvolverem uma pesquisa sobre Abdias Nascimento.

Já na **terceira parte**, convidamos os discentes para promover uma leitura e uma reflexão simples sobre o TEN, suas atividades enquanto instituição negra e sobre sua luta em prol das necessidades e dos direitos civis para o povo negro.

Com essa ação, o objetivo fora propor o reconhecimento de um marco histórico para o surgimento da luta orgânica do povo negro em defesa do seu espaço nas atividades cultural, política, social e econômica; assim as/os discentes poderiam perceber a institucionalização da luta do povo negro na década de 1940. Nesta perspectiva foi observado a movimentação do TEN para retomar programas de alfabetização; organizar cursos de profissionalizante voltados para o povo negro; além de trabalhar com a educação para o teatro.

Para entender as ações sociais do TEN seria preciso entender o olhar que Abdias Nascimento tinha sobre a realidade cultural, social e econômica do povo negro. Propomos a leitura de um excerto, extenso, do artigo escrito por Abdias Nascimento e pronunciado na abertura da “Conferência Nacional do Negro” em maio de 1949, disponibilizado na SD - o material pode ser encontrado e lido no livro “Teatro Experimental do Negro: testemunhos”, que foi publicado pela editora GRD edições, no ano de 1966, cujo título é “Espírito e Fisionomia do Teatro Experimental do Negro”.

No artigo, Abdias Nascimento propôs um diagnóstico sobre a realidade política e social das instituições negras dos anos anteriores, observando os motivos pelos quais elas declinaram. Além disso ele expõe as características essenciais do TEN, demonstrando os propósitos cultural e político da instituição que estava a criar. Ele também analisa, de forma crítica os objetivos das organizações negras anteriores ao Teatro Experimental do Negro, descrevendo o caráter não sério de suas intervenções, ao mesmo tempo que desvela o panorama educacional e cultural do povo negro nos anos 30 e 40 do século XX.

A partir dessa ação inicial, a classe foi dividida em grupos de trabalho para desenvolver leituras e estudos sobre o trabalho de Abdias Nascimento nas artes, na política, na dramaturgia, na sociologia etc.

O trabalho discente teve um caráter espontâneo e por adesão, ou seja, os discentes deveriam realizar a atividade segundo suas inclinações pessoais, sem o rigor metodológico que a atividade científica exige; porque nosso objetivo era fazer com que os alunos explorassem ao máximo, nas fontes digitais, informações e saberes sobre Adias Nascimento e sua vasta luta em defesa da identidade afro-brasileira, das heranças culturais, sociais, econômicas, religiosas africanas do Brasil contemporâneo, no combate ao racismo e suas formas de manifestações:



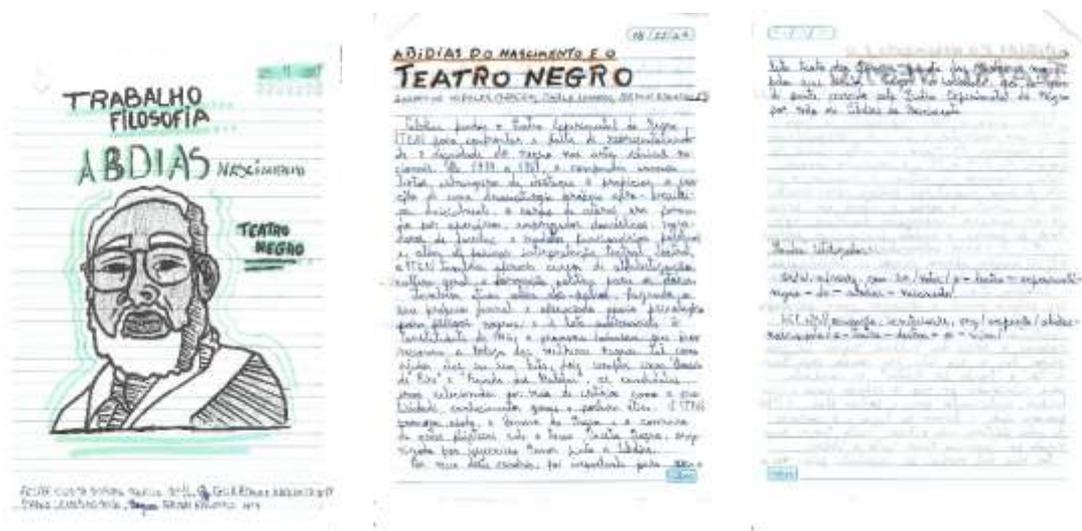
Figuras 1, 2 e 3 – Imagens dos trabalhos de pesquisa dos estudantes do grupo 1. Marília, 2024.

Neste primeiro trabalho os discentes desenvolveram uma análise sobre a trajetória intelectual e militante do Abdias Nascimento. Demonstraram o cerne da luta do intelectual ao falar da “luta contra o racismo e a valorização da cultura afro-

brasileira” em nossa sociedade contemporânea; além disso o trabalho destaca a vinculação do pensador/militante ao movimento Pan-africanista e aos seus ideais de luta.

A pesquisa dos discentes, também, apresentou um breve levantamento histórico do Pan-africanismo a demonstrar seu período de surgimento e desenvolvimento, a destacar seus principais líderes como Du Bois, Marcus Garvey e Nkrumak, e os principais objetivos do movimento Pan-africanista; apresentaram a luta de Abdias Nascimento pelos direitos civis e a criação do Teatro Experimental do Negro com o intuito de combater os estereótipos racistas que o povo negro sofria na cena cultural brasileira. Os discentes avultaram a atuação política do dramaturgo, já que o mesmo, foi eleito deputado federal e senador da República condições com as quais denunciou a situação do povo negro na sociedade brasileira. O trabalho foi curto, mas robusto no propósito.

Para início dos trabalhos foi proposto como referência o surgimento do Teatro Experimental do Negro na cena cultural brasileira. Com o intuito de evitar a não leitura do material pesquisado, optamos pela escrita manual dos trabalhos, ao invés de pesquisas digitadas e impressas, como pode ser observado nas imagens a seguir:

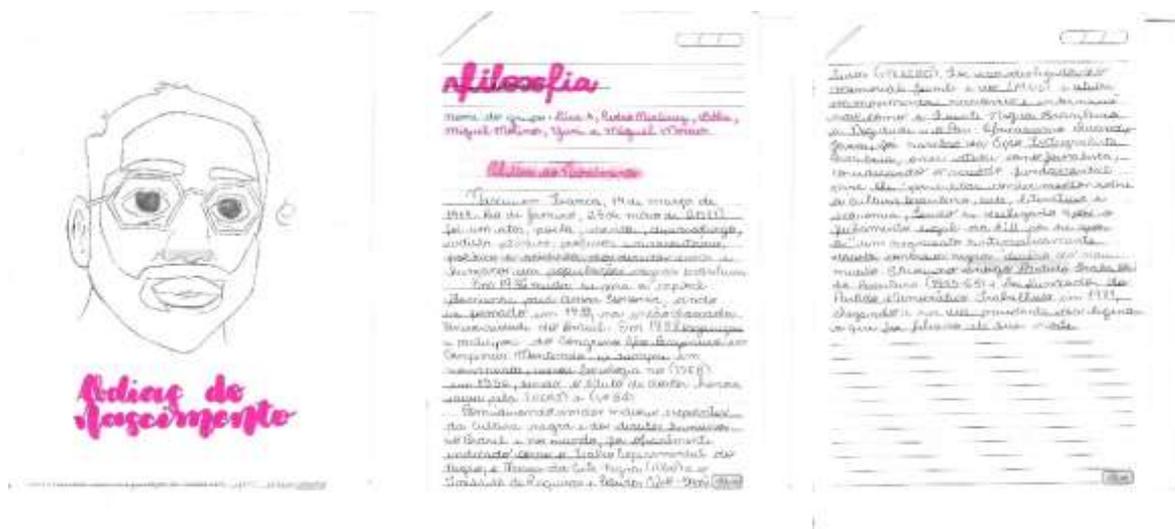


Figuras 4, 5 e 6 – Imagens dos trabalhos de pesquisa dos estudantes do grupo 2. Marília, 2024.

O segundo trabalho lidou com uma atitude mais específica do ativismo de Abdias Nascimento. Ele deu ênfase ao TEM, destacando o período de surgimento e de atuação (1944 a 1961), com a preocupação de apresentar a origem social de seus principais atores, como: empregadas domésticas, operários, modestos funcionários

públicos. A pesquisa dos estudantes teve a preocupação em destacar o ativismo social do TEN apontando os cursos de alfabetização, formação cultural e política; a criação do jornal para informar e formar a consciência do povo negro sobre seus direitos; além das atividades e promover a beleza da mulher negra por meio dos concursos “rainha das mulatas e boneca do pixe”; a pesquisa também destacou a semana negra e o concurso de artes plásticas sobre o tema “Cristo Negro”. A pesquisa dos discentes demonstrou, de forma objetiva e coesa, as principais realizações sociais do TEN sem entrar na produção teatral e no impacto cultural que ele causou no período, a produzir uma verdadeira e profunda modernização do teatro brasileiro.

Dando continuidade, nosso objetivo foi o de levar os discentes a ler sobre o intelectual negro e tomar consciência sobre a produção cultural e sociológica que o povo negro tem e vem desenvolvendo ao longo da nossa história. Os trabalhos recolhidos, podem parecer repetitivos em um olhar desatento, porém na leitura diagnóstica dos mesmos, observamos que todos eles trouxeram informações diferentes sobre as fases da vida e sobre as atividades que Abdias do Nascimento desenvolve e atuou:



Figuras 7, 8 e 9 – Imagens dos trabalhos de pesquisa dos estudantes do grupo 3. Marília, 2024.

Neste terceiro trabalho os discentes fizeram um levantamento biográfico do pensador/ativista Abdias Nascimento. Observaram o local e ano de nascimento, formação, os feitos no campo da cultura do ativista, como: MAN, IPEAFRO, TEN, Memorial Zumbi dos Palmares; além de destacar a sua formação e contribuição na política como: jovem que participou do movimento integralista brasileiro ao lado de

Dom Elder Câmara; membro do partido trabalhista brasileiro (PTB) a partir de 1945 até 1965; membro fundador, no exílio, do Partido Democrático Trabalhista (PDT) a partir de 1981 até a sua morte. A pesquisa manteve-se fiel ao levantamento biográfico a que se propôs. Inclusive as fontes das pesquisas são diversificadas, demonstrando o dinamismo com o qual a atividade foi trabalhada e o respeito sobre a autonomia intelectual dos discentes para desenvolver seus estudos.

Na esteira dos trabalhos realizados pelos estudantes, apresentamos:



Figura 10 – Imagem do trabalho desenvolvido por dupla de estudantes. Marília, 2024.

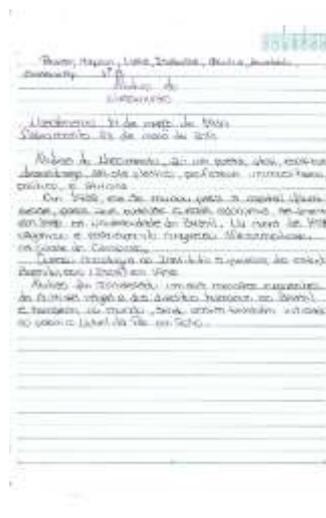


Figura 11 – Imagem do trabalho de pesquisa dos estudantes do grupo 4. Marília, 2024.

Destaca-se, na figura 10, a produção desenvolvida por uma estudante com Síndrome de Down, em que a síntese das discussões desenvolvidas em sala de aula esteve presente na essência da representação proposta pela aluna, demonstrando que a adequação curricular e o respeito às potencialidades de cada estudante também foram premissas na consecução da sequência didática.

O trabalho, representado pela figura 11, não se diferenciou dos outros em torno da biografia do ativista/pensador, mas a novidade foi o destaque dado a indicação que Abdias Nascimento teve em 2010 para receber o prêmio Nobel da paz naquele ano. Pesquisa muito boas e muito bem focadas em seus propósitos e objetivos.

As questões que foram propostas para fixar as ideias e os conceitos trabalhados foram boicotadas pelos respectivos grupos, porque acreditavam que o trabalho ficaria muito extenso e não teriam tempo para terminar a empreitada. Os/as discentes fizeram a avaliação correta, e coube ao professor aceitar a iniciativa da turma e, por isso não houve cobrança sobre a realização das questões.

Poucos discentes se envolveram atentamente com a pesquisa sobre Abdias Nascimento e fizeram anotações pontuais sobre a vida desse combatente magnífico, mas muitos alunos registraram seus nomes no momento de entregar a conclusão dos trabalhos.

Acredito que nosso objetivo foi atingido com segurança, porque conseguimos:

- apresentar o intelectual, político e ativista Abdias Nascimento e a sua produção como dramaturgo, político e combatente antirracista;
- expor parte de seu legado material e imaterial, como seus livros, artigos e peças de teatro, e obras artísticas no APEAFRO, MAN;
- visibilizar o reconhecimento pela Unesco a ele, como um dos grandes combatentes contra o racismo no Brasil e no mundo;
- também conseguimos trazer para dentro da sala de aula as discussões antirracistas;
- apresentamos e discutimos as leis 10.639/2003 e a 11.645/2008 que versam sobre a obrigatoriedade do ensino das cultural africana, afro-brasileira e indígenas do Brasil nas escolas públicas e privadas com os/as discentes do ensino médio.

Agora, na retomada da escrita sobre o tempo vivido, nos sentimos um pouco prejudicados, talvez por não avaliar direito o clima da sala de aula na qual apliquei a sequência didática, bem como na necessidade de reestruturar a metodologia de trabalho; pontos que preciso replanejar para que o trabalho venha ser realizado em sua integridade, ou seja, por completo, sem os remendos que as circunstâncias venham a provocar.

Muitas questões inicialmente delineadas não foram trabalhadas porque tivemos longas discussões sobre as leis, sobre a identidade cultural e o racismo, que geraram alguns constrangimentos entre os/as discentes; por isso tive que intervir com firmeza e não admitir que os constrangimentos fluíssem durante a realização da atividade; muitas vezes tendo de exigir o pedido de desculpas e apaziguar os conflitos que o tema suscita entre os jovens – haja visto que muitos deles estão adotando um conhecimento mais voltado às tradições conservadoras das famílias de ascendência europeia.

Contexto tal que reforça, enquanto potência de transformação social, a imperiosa necessidade de promoção de tempos e espaços de discussão, análise e reflexão acerca do racismo estrutural em nosso cotidiano, de práticas antirracistas e de visibilidade de personalidades negras na escola.

O mês de novembro sempre será um mês tumultuado nas escolas públicas, porque há muitas atividades avaliativas internas e externas em função do encerramento do ano letivo; além disso é o mês da consciência negra. Neste mês encaminhamos, sistematicamente, a culminância de todas as atividades que desenvolvemos, ao longo do ano letivo, sobre as orientações que as leis 10.639/2003 e a 11.645/2008 nos fornecem para desenvolver a educação para as relações étnico-raciais nas escolas públicas e privadas do país.

A temática precisa ser trabalhada, independentemente da situação momentânea que ela possa causar, porque o futuro – a juventude, precisa saber viver e admitir, em sua estrutura psicossocial, o multiculturalismo que aflorou no mundo contemporâneo, e que a sociedade brasileira não está fora dele. Mas como foi a primeira experiência positiva da nossa proposta de trabalho, correções e observações serão aplicadas para melhorar o que já foi produzido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A eminência de um combatente antirracista: Abdias Nascimento foi um pensador brasileiro, de ascendência africana, de grandes feitos em prol da identidade cultural afro-brasileira e na luta antirracista; essa trajetória de feitos teve início na sua infância.

Nela, aprendeu a reconhecer as dificuldades com as quais o povo negro estava a lidar numa sociedade que adentrava ao processo de industrialização e urbanização do mundo da vida. As experiências familiares foram de grande importância em seu desenvolvimento educacional. Com elas, a criança aprendeu e sentiu os efeitos que o semianalfabetíssimo pode casar em uma família como: desemprego, baixo salário, migração forçada, subempregos etc. Eventos que o velho Abdias Nascimento consultava em sua memória.

Frente as dificuldades que atingiram a família, a criança Abdias Nascimento, aprendeu a sentir, nos atos e nas palavras das pessoas adeptas a ideologia do embranquecimento, os conteúdos racistas e preconceituosos que elas portavam sobre o povo preto e sua cultura de matriz africana.

Muitas dessas passagens foram expostas e discutidas no primeiro capítulo deste trabalho, que teve por objeto de estudo a evolução intelectual do dramaturgo/pensador. As escolhas que foram feitas pelo jovem Abdias Nascimento não deixaram encontrar esses conteúdos nocivos pelo caminho, mas foram eles que promoveram as alterações no projeto de vida que aspirava ser atleta.

O serviço militar não trouxe apenas disciplina, mas conhecimento sobre os tipos de vida que o povo negro enfrentava nas cidades grandes do país. A pobreza, a marginalidade, a segregação social, a violência, os subempregos e a discriminação foram se desvelando no pensamento do jovem Abdias Nascimento que, até seu ingresso no exército e transferência para cidade São Paulo, não tinha compreensão dos efeitos que o racismo causava sobre povo preto nas grandes cidades. A vida militar e na cidade de São Paulo foi o seu despertar, ainda que muito jovem, para a luta antirracista e foi esse despertar que o levou para a militância política.

A amizade com Sebastião Rodrigues Alves e o vínculo de ambos a Frente Negra Brasileira (FNB) fizeram dele um combatente antirracista na cidade de São Paulo. Combatente que, ao ser forçado a se desligar do exército, se viu obrigado a migrar para a cidade o Rio de Janeiro. A luta física contra o racismo, que estava a se

institucionalizar na sociedade paulistana e brasileira, o transformou num jovem conhecido, fichado e perseguido pelo serviço de “Ordem Política e Social do Estado de São Paulo”.

A capital da República, cidade do Rio de Janeiro, foi a grande escola antirracista para o jovem Abdias Nascimento. Nela conheceu e aprendeu a conter seus impulsos de jovem combatente, assumindo uma postura mais intelectualizada e crítica sobre a realidade sociocultural do povo negro. O vínculo a “Ação Integralista Brasileira” (AIB) o despertou para o racismo na política e a perceber como ele estava sendo transferido às instituições públicas e privadas do país; além dessa constatação ele, também, consolidou a ideia de pertencimento a nação brasileira (identidade nacional), ente cultural há muito tempo reivindicada pelo povo negro no Brasil.

A partir dessa compreensão, Abdias Nascimento passou a frequentar “O Café Gaúcho” ponto de encontro da intelectualidade do período e que permitiu o seu renascer existencial. Foi o momento do abandono da luta física contra o racismo e o início do percurso intelectual e cultural contra o racismo social e político que se afluía na sociedade brasileira. O convívio com os intelectuais do integralismo lhe conferiu o vislumbre para a criticidade e isso lhe trouxe resoluções que foram importantes ao seu distanciamento da “Ação Integralista Brasileira” (AIB).

No movimento integralista trabalhou como repórter no jornal “O Povo”, desenvolvendo campanhas e manifestações em defesa do ensino superior público, em defesa da soberania nacional; suas atividades e práticas sofreram boicotes e perseguições racistas em torno do seu trabalho. Essas atitudes racistas de membros do integralismo levaram Abdias Nascimento a romper com a Ação Integralista Brasileira em 1937. A partir desse rompimento foi viver no morro da Mangueira em Duque de Caixas, na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. Neste ambiente periférico conheceu e apaixonou-se pela cultura de ascendência africana.

Seu primeiro contato com a cultura de matriz africana foi a religião e por meio dela vieram o envolvimento e o conhecimento sobre a cultura negra. Essa cultura que era desconhecida para ele, promovia um novo tipo de consciência ao negro do Rio de Janeiro. A luta antirracista existia, mas o combate era diferente daquele travado em São Paulo.

O novo contexto de luta e comportamento do povo negro o despertaram para os estudos sobre a cultura de matriz africana ou negra no país. Com essa atitude Abdias Nascimento consegue controlar os impulsos de juvenis; passando a frequentar

os terreiros de Candomblé despertou-se para um novo tipo de intelectualidade cuja finalidade foi o desvelamento e o conhecimento sobre as tradições culturais de matriz africana e a alma negra do afro-brasileiro. Assim Duque de Caxias foi a grande escola de cultura africana, porque desvelou o ser do negro para Abdias Nascimento.

Quando Abdias Nascimento assistiu à encenação da peça “Imperador Jones” de Eugene O’Neill (1888 – 1953) cujo protagonista centra era desenvolvido por um ator branco pintado de preto, ele percebeu o que estava sendo assassinado na sociedade e na cena cultural brasileira. Todo aquele encanto, magia e beleza que animava e anima a alma do povo negro no Brasil não fazia parte da cena cultural brasileira. A partir dessa constatação surge o projeto de criação do Teatro Experimental do Negro (TEN), descrito no segundo capítulo.

Com o TEN, Abdias Nascimento colocou na cena dramática brasileira o negro ator e a negra atriz na cena cultural brasileira a encenar o drama do seu ser, ou seja, da sua alma negra. Coube ao TEN a educação cultural, de matriz africana, dos seus componentes que eram recrutados dentro povo negro.

Esse primeiro grupo de negro atores e atrizes assumiram o compromisso de lançar na cena cultural brasileira os entes primordiais da cultura africana que estão intrinsicamente ligadas ao “espírito do povo negro” no Brasil. Abdias Nascimento revolucionou e atualizou o teatro brasileiro ao colocar encena, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, durante a ditadura do Estado Novo, o drama negro em cena. Este drama, segundo Abdias Nascimento, tinha como uma de suas principais causa o racismo e a política do embranquecimento. Neste contexto de luta intelectual caberia ao povo negro o resgate e a valorização dos entes culturais que animavam sua alma.

O Teatro Experimental do Negro foi o instrumento mais avançado e contemporâneo que a intelectualia negra poderia ter criado, num contexto de profundo autoritarismo político/cultural em que a sociedade brasileira estava submetida.

A coragem de Abdias Nascimento e de seus pares não pode cair no esquecimento; as dificuldades que o momento nos impõe são as forjas que nos motivam a trabalhar com este dramaturgo/pensador no combate ao racismo mascarado da sociedade brasileira.

Já no terceiro capítulo, o foco se deteve me apresentar a sequência didática elaborada em virtude dos muitos estudos efetivados, bem como descrever sua aplicação junto a uma turma de estudantes do ensino médio de uma escola pública estadual no município de Marília. Neste, além de abordar, com detalhes o processo

de ensino sobre o tema, trouxemos á baila, imagens das pesquisas efetivadas pelos discentes e tecendo comentários sobre o processo de aprendizagem efetivado.

Embora a SD efetivada tenha tomado rumos diferentes do inicialmente planejado e que a resistência sob a temática tenham sido uma constante no desenvolvimento das aulas, observamos que os objetivos essenciais do trabalho foram cumpridos.

Desta forma, à guisa de uma conclusão, a presente pesquisa tanto apresenta o intelectual, político e artista Abdias Nascimento, quanto reafirma a necessidade de que a escola pública paulista seja lócus de análise, discussão e reflexão acerca do racismo estrutural vigente, efetivando ações e práticas antirracistas e retirando do ostracismo cultural grandes negros intelectuais que não são lembrados em nossas instituições de ensino básico e superior - porque nelas o colonialismo cultural possui força vital.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaira, 2021.

BARRETO, L. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Ática, 1995.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 92** de 21 de dezembro de 1937: cria o Serviço Nacional de Teatro. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-92-21-dezembro-1937-350840-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Cria%20o%20Servi%C3%A7o%20Nacional%20de,que%20lhe%20confer%20o%20art> Acesso em 15/01/20025.

DEMO, P. **Pesquisa e construção de conhecimento**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

GERHARDT, T. E., SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GUERREIRO RAMOS, A. **Introdução Crítica a Sociologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

_____. **A Redução Sociológica**. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

_____. O Negro no Brasil e um exame de consciência. In: NASCIMENTO, A. **Teatro Experimental do Negro**: Testemunhos. Rio de Janeiro: Edições GRB, 1966.

_____. Um Herói da Negritude. In: NASCIMENTO, A. **Teatro Experimental do Negro**: Testemunhos. Rio de Janeiro: Edições GRB, 1966.

_____. O Negro desde Dentro. In: NASCIMENTO, Abdias. **Teatro Experimental do Negro**: Testemunhos. Rio de Janeiro: Edições GRB, 1966.

_____. Semana do Negro de 1955. In: NASCIMENTO, Abdias. **Teatro Experimental do Negro**: Testemunhos. Rio de Janeiro: Edições GRB, 1966.

_____. A Unesco e as Relações de Raça. In: NASCIMENTO, Abdias. **O Negro Revoltado**. Rio de Janeiro/RJ: Nova Fronteira, 1982.

HOUAISS, A. **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1986.

MAIA, M. E.; ROSA, M. N. B.; OLIVEIRA, B. M. J. F. **O ensaio como tese**: estética e narrativa na composição do texto científico. In: RACIn, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 1-5, jan./jun. 2016. Disponível em <https://arquivologiauepb.com.br/racin/edicoes/v4_n1/racin_v4_n1_resenha01.pdf> Acesso em 20/03/2025.

MARTINS, L. Prefácio. IN NASCIMENTO, A. **Dramas para negros e prólogo para brancos**. São Paulo: Temporal, 2024, p. 20-42.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOURA, C. **Quilombos**: resistência ao escravismo. São Paulo: expressão Popular, 2020.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 1980.

_____. **Dramas para Negros e Prologo para Brancos**. Rio de Janeiro/RJ, Teatro Experimental Negro, 1961.

_____. **Sitiado em Lagos**: autodefesa de um negro acossado de racismo. Rio de Janeiro/RJ: Nova Fronteira, 1981.

_____. **O Negro Revoltado**. Rio de Janeiro/RJ: Nova Fronteira, 2ª edição, 1982.

_____. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado / Abdias Nascimento. São Paulo: Perspectivas, 2016.

_____. **O Brasil na mira do Pan-africanismo**. Bahia/BA: EDUFBA/CEAO, 2002.

_____. **Teatro Experimental do Negro**: Testemunhos. Rio de Janeiro; Edições GRB, 1966. Disponível em <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/obras-de-abdias/ten-testemunhos/> Acesso em 06/12/2024.

_____. O I Congresso do Negro Brasileiro, 1950. In NASCIMENTO, A. **O Negro Revoltado**. Rio de Janeiro/RJ: Nova Fronteira, 1ª edição, 1968, p. 67. Disponível em <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/obras-de-abdias/o-negro-revoltado/> Acesso em 28/01/2025.

_____. **Dramas para negros e prólogo para brancos**. São Paulo: Temporal, 2024. NASCIMENTO, A. Et al. **Manifesto a Nação**. 1945. Disponível em https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1302448/mss1302448.pdf Acesso em 08/02/2025.

SANTA ROSA. Teatro de Negros. In NASCIMENTO, A. **Teatro Experimental do Negro**: Testemunhos. Rio de Janeiro; Edições GRB, 1966, p. 41-43. Disponível em <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/obras-de-abdias/ten-testemunhos/> Acesso em 06/12/2024.

SANTOS JUNIOR, R. N. **Afrocentricidade e educação**: os princípios gerais para um currículo afrocentrado. Revista África e Africanidades. Ano 3, nº 11, nov/ 2010.

SANTOS MOURA, C. F. **O Teatro Experimental do Negro** – Estudo da personagem negra em duas peças encenadas (1947-1951): São Paulo, 2008.

SEMOG, É., NASCIMENTO, A. **Abdias Nascimento: o griot e as muralhas**. Rio de Janeiro; Pallas, 2006.

TABARES, V. M. **Teatro del Pueblo**. Disponível em: sites.usp.br/portalatinoamericano/espanhol-teatro-pueblo. Acesso em 28/05/2024.

_____. **Teatro**. Disponível em: sites.usp.br/portalatinoamericano/espanhol-teatro-pueblo. Acesso em; 28/05/2024.

TOMAS BÓ, E. Prefácio. In NASCIMENTO, A. **Teatro Experimental do Negro: Testemunhos**. Rio de Janeiro; Edições GRB, 1966, p. 41-43. Disponível em <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/obras-de-abdias/ten-testemunhos/> Acesso em 06/12/2024.